

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA NO LITORAL NORTE/ OSÓRIO-RS
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPGED
MESTRADO PROFISSIONAL**

ROBERTA SOARES CORNELY

**MULHERES TRANSFORMADORAS:
protagonismo feminino, identidades, culturas, educação e cidadania em ações
comunitárias**

Osório/RS

2023

ROBERTA SOARES CORNELY

**MULHERES TRANSFORMADORAS:
protagonismo feminino, identidades, culturas, educação e cidadania em ações
comunitárias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul como requisito parcial ao título de Mestre.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra Monteiro Lemos.

Linha de pesquisa 4: Educação, Culturas, Linguagens e Práticas Sociais.

Osório-RS

2023

ROBERTA SOARES CORNELY

**MULHERES TRANSFORMADORAS:
protagonismo feminino, identidades, culturas, educação e cidadania em ações
comunitárias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 25 de setembro de 2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sandra Monteiro Lemos – Orientadora – PPGED-MP/UERGS

Prof.^a Dr.^a Ana Cláudia Godinho – PPGEDu/UFRGS

Prof.^a Dr.^a Martha Giudice Narvaz – PPGED-MP/UERGS

Prof.^a Dr.^a Rita Cristina Basso Soares Severo – PPGED-MP/UERGS

C818m Cornely, Roberta Soares.

Mulheres transformadoras: protagonismo feminino, identidades, culturas, educação e cidadania em ações comunitárias./ Roberta Soares Cornely. – Osório: Uergs, 2023.

108 f. il.

Dissertação (Mestrado profissional) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Mestrado Profissional em educação, unidade em Osório, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Monteiro Lemos.

1. Mulheres. 2. Identidade. 3. Educação. 4. Feminismo. 5. Educação I. Lemos Sandra Monteiro. II. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. III. Título.

Dedico essas escritas, ainda que inacabadas, pois há sempre o que aprender, ensinar e escrever, a todas as mulheres que fizeram e fazem parte da minha vida, que inspiram minhas lutas, meus pensamentos, minhas ações, meus sonhos... de amor e liberdade.

O feminismo é para todo mundo.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em quem deposito minha fé particular. Autor da vida, da sabedoria e da alegria própria dos seres humanos, que nos dá livre arbítrio para fazer nossas escolhas. Quem ilumina os caminhos trilhados e distribui gratuitamente forças para superar os obstáculos.

Às amadas mulheres da minha vida, minha mãe Sônia e minha avó Margot, que são exemplos de amor, força e feminismo para mim; minhas filhas Manuela e Valentina, que são o amor mais puro que eu pude sentir nessa vida, a razão das minhas lutas e minha força para seguir todos os dias; minha irmã Renata, que foi minha primeira filha neste mundo, e tornou-se uma mulher forte, aguerrida e exemplo de superação e vitórias; minha cunhada/irmã Paola, que sempre tem um abraço de carinho que encoraja, uma palavra certa e amiga em todos os momentos e minhas afilhadas Margot, Rafaela e Laura que são luz, alegria, amor e gargalhadas no meus dias.

Ao meu amor e companheiro Maurício, fiel escudeiro, que acredita nas minhas lutas e levanta minhas bandeiras, que sonha comigo, que partilha os melhores e os mais difíceis momentos da minha vida, que *não deixa a peteca cair*, que sempre está lado a lado para o que der e vier. Gratidão pelos mimos de sempre, especialmente durante essa caminhada.

Aos meus amados irmãos Rafael e Junior, meus amigos e parceiros para qualquer empreitada e qualquer hora. Meus guris!

A toda minha família pelo amor, e compreensão das minhas ausências.

Às companheiras e companheiros da Secretaria Municipal da Cultura de Novo Hamburgo, por acreditar na minha trajetória profissional e me desafiar a pensar projetos socioculturais junto com as pessoas das comunidades da minha cidade.

À minha amiga e colega de profissão, mestranda (quase mestre) Fabiana Machado, grato reencontro que a vida no magistério e andanças de estudos me trouxe, que foi fundamental nessa caminhada desafiadora, que me ajudou, me incentivou, me apoiou em todos os momentos e me mandou muito “memes” e vídeos engraçados, para alegrar e deixar mais leves os dias de dúvidas e dificuldades. Valeu amiga!

À orientadora mais positiva e amável que eu poderia ter nos meus estudos, que se tornou uma querida amiga, exemplo impecável de competência, humildade,

coerência com os princípios de uma educação libertadora e dedicação exclusiva à educação pública de qualidade: professora Dra. Sandra Monteiro Lemos.

À adorável e também querida professora e amiga, Martha Narvaz, pela atenção constante, seriedade, competência, compreensão de minhas angústias, apoio nas dificuldades, e por me chamar pra ser parceira de estudos com o Grupo Mulheres, Gênero e Feminismos, com as queridas colegas do mestrado, com quem desejo estar por muito tempo nessas caminhadas de pesquisadora em construção. É uma honra “ser bruxa” com vocês!

E, claro que não poderia deixar de citar aqui a Uergs - Universidade ESTADUAL do Rio Grande do Sul, que existe e garante a todas e todos que ingressam, uma educação de excelente qualidade e gratuita aos estudantes, sendo mantida pelo Estado. É um imenso orgulho ser “cria” da universidade pública!

Às professoras Rochele Saraiva e Rita Severo e o professor Eduardo Guedes Pacheco, do programa de pós-graduação da Uergs, que colaboraram muito para a superação de alguns obstáculos, de diferentes naturezas, e pelas valiosas aulas, que me desafiaram a sair das minhas caixinhas, ampliar as lentes para a humanidade e para a educação. Obrigada!

À todas as mulheres com as quais convivi e aprendi ao longo desta pesquisa, para as quais olhei atentamente no momento de coleta de dados e sobre as quais estudei cuidadosamente durante a realização de todo o processo de pesquisa. Mulheres que me fizeram enxergar muitas outras possibilidades de educação, compartilhamentos, aprendizagens e de vida. Enfim, às mulheres do mundo!

RESUMO

Esta dissertação de Mestrado tematiza as vivências das mulheres em uma comunidade periférica, numa cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul. Trata de olhar para as mulheres do *Grupo Mulheres Transformadoras* que, trocando saberes, vão se constituindo enquanto sujeitas nas vivências em grupo, ressignificando seus entendimentos, suas percepções e seus conceitos sobre tudo o que faz parte das suas vidas, resgatando suas memórias, percebendo e significando suas identidades ao mesmo tempo que modificam suas próprias histórias e também mudam a história das futuras gerações de meninas e mulheres de suas famílias, a partir dessas vivências comunitárias. O material empírico da pesquisa constituiu-se de observações, entrevistas semiestruturadas, gravações de vídeos e fotografias, registros das rodas de conversa acerca dos encontros das mulheres, que aconteciam em espaço público municipal. O estudo conta com o aporte teórico-metodológico dos Estudos Culturais, e seus alinhamentos produtivos com a Educação, os Estudos Feministas e de Gênero. Desse modo, esta pesquisa olha para as sujeitas, como mulheres em constante aprendizagem e transformação, com possibilidades de compartilhamento a partir das vivências comunitárias. O estudo permitiu lançar um olhar de estranhamento sobre os discursos que envolvem as práticas sociais, bem como discutir a forma como acontecem as trocas entre as sujeitas da pesquisa, de uma determinada comunidade. O trabalho contou com a contribuição de autores como, Stuart Hall, Jorge Larrosa, Bell Hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, Djamila Ribeiro dentre outros. Os achados da pesquisa apontam para o envolvimento da pesquisadora com o campo, coproduzindo versões das realidades vividas. Além disso, o estudo possibilitou a compreensão das aprendizagens em locais não-escolares, nos quais acontecem trocas significativas de saberes; a ressignificação das identidades através do resgate e da (re)construção de memórias. Tais achados delineiam o modo como as mulheres daquele grupo constroem suas redes de solidariedade, estabelecendo laços profundos, para resistir, sobreviver e organizar-se socialmente, driblando comportamentos tidos como tradicionais e estereótipos impostos pela sociedade, direcionando o curso dos feminismos também para o exercício da cidadania.

Palavras-chave: Mulheres. Identidades. Educação. Protagonismo feminino. Cidadania. Ações Comunitárias.

ABSTRACT

This Master's thesis focuses on the experiences of women in a peripheral community, in a city in the interior of the state of Rio Grande do Sul. It looks at the women of the Transformative Women Group who, by exchanging knowledge, are constituted as subjects in group experiences. , re-signifying their understandings, their perceptions and their concepts about everything that is part of their lives, rescuing their memories, perceiving and giving meaning to their identities while modifying their own histories and also changing the history of future generations of girls and women from their families, based on these community experiences. The empirical material of the research consisted of observations, semi-structured interviews, video and photograph recordings, field diary notes and the women's meetings, which took place in the form of a conversation circle, in a municipal public space. The study relies on the theoretical-methodological contribution of Cultural Studies, and its productive alignments with other fields such as Education, Feminist and Gender Studies, establishing broad dialogue and significant seams between them. Thus, this research looks at the subjects, as women in constant learning and transformation, with possibilities of sharing based on community experiences. The study made it possible to cast a look of strangeness at the discourses that involve social practices, as well as to discuss the way in which exchanges take place between the research subjects, of a given community, living together. The work had the contribution of authors such as Stuart Hall, Jorge Larrosa, Bell Hooks, Chimamanda Ngozi Adichie, Djamila Ribeiro among others. The research findings point to the researcher's involvement in the field trip, co-producing versions of lived realities. In addition, the study enabled the understanding of learning in non-school places, where significant exchanges of knowledge take place; the resignification of identities through the rescue and (re)construction of memories. Such findings outline the way in which peripheral women build their networks of solidarity, establishing deep bonds, to resist, survive and organize themselves socially, breaking with traditional behaviors and stereotypes imposed by society, directing the course of feminisms also towards the exercise of citizenship.

Keywords: Women. Identities. Education. Female Protagonism. Citizenship. Community Actions.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Sequência da técnica da análise de conteúdo.....	28
Figura 2 - Foto Estação Cidadania Cultura, Boa Saúde, Novo Hamburgo-RS...	30
Figura 3 - Dados estatísticos de violência contra mulheres no recorte do bairro Boa Saúde.....	32
Figura 4 - Dados estatísticos de violência contra mulheres no recorte do bairro Boa Saúde.....	39
Figura 5 - dados estatísticos de violência contra mulheres no recorte do bairro Boa Saúde.....	41
Figura 6 - Gráfico de participantes.....	49
Figura 7 - Gráfico de faixa etária das entrevistadas.....	50
Figura 8 - Gráfico de Identidade Racial.....	51
Figura 9 - Gráfico de responsabilidade familiar.....	54
Figura 10 - Gráfico de tempo de moradia.....	56
Figura 11 - Gráfico do tempo de participação no coletivo de mulheres.....	56
Figura 12 - Foto Roda de Conversa do Grupo <i>Mulheres Transformadoras</i>	57
Figura 13 - Foto de roda de conversa, na Biblioteca Comunitária da CEU.....	70
Figura 14: Imagem do logo criado para o projeto Pão solidário, do Grupo <i>Mulheres Transformadoras</i>	71
Figura 15 - Foto do grupo de mulheres no projeto pão solidário.....	72
Figura 16 - Foto do grupo de mulheres no projeto pão solidário.....	72
Figura 17 - Foto Mostra de Talentos da CEU.....	75
Figura 18 - Foto do grupo de mulheres na Mostra de Talentos da CEU - Música	78
Figura 19 - Foto do grupo de mulheres na Mostra de Talentos da CEU - Teatro...	79

LISTA DE SIGLAS

CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEU	Centro de Esportes Unificado
FLACSO	Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
SECULT	Secretaria da Cultura
TALE	Termo de Assentimento Livre Esclarecido
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Uergs	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO OU DAS HISTÓRIAS QUE IMPORTAM	11
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA OU SOBRE PINCÉIS E TINTAS QUE UTILIZO	24
3 FUNDAMENTANDO A PESQUISA	33
4. QUANTO AO PERCURSO METODOLÓGICO	37
4.1 Encontro com o grupo de mulheres	40
4.2 Procedimentos Éticos	44
4.2.1 Riscos e Benefícios	45
4.3 Produção de informações	46
5 SOBRE OS PONTOS DE CHEGADA	52
5.1 Dos encontros entre mulheres: identidades e memórias	56
5.2 Políticas públicas e os direitos das mulheres	59
5.4 Diálogos potentes de (re)significação	61
5.5 As conquistas para a cidadania	65
5.6 Os novos caminhos na comunidade	67
6. PRODUTO EDUCACIONAL	73
6.1 Produto: Mostra de Talentos da CEU	75
7 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO PERCURSO TRILHADO	80
REFERÊNCIAS	84
ANEXO A – DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE	86
ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL - UERGS	87
ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	90
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	94
ANEXO E – PESQUISA DE CAMPO COM MULHERES	97
ANEXO F – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM EDUCADORA SOCIAL	101

1 INTRODUÇÃO OU DAS HISTÓRIAS QUE IMPORTAM

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada.

Chimamanda Ngozi Adichie¹

As histórias, os caminhos percorridos, leituras realizadas, vivências, experiências, narrativas diversas, encontros e desencontros dos quais tenho feito parte, orientaram o meu olhar, de modo mais curioso e inquieto, para as mulheres e suas aprendizagens. Mulheres que, trocando saberes, vão se constituindo enquanto sujeitas nas vivências em grupos, ressignificando seus entendimentos, suas percepções e seus conceitos sobre tudo o que faz parte da vida, sendo capazes de resgatar suas memórias e perceber e significar suas identidades², além de ter a possibilidade de mudar suas próprias histórias e também mudar a história das próximas gerações.

Olho para aquelas que, conforme escreveu a estudiosa feminista, pensadora contemporânea, Chimamanda Ngozi Adiche, têm muitas histórias para contar e muitas histórias para “escrever” a partir de suas vivências que desejam preservar ou reescrever, imprimir de uma forma diferente do que ouviram ou viveram até aquele presente momento, pois a vida é orgânica, é cíclica, é feita de tudo que nos move, nos inquieta, nos faz revolucionar pequenas e grandes coisas. Mulheres³ que, tendo a chance de construir um legado de força e empoderamento, passam para as próximas gerações das meninas e mulheres, que convivem com elas, que fazem e farão parte deste mundo. Mas também, olhando para a comunidade em que vivem, para as constituições familiares atuais tão diversas, em que elas têm a oportunidade de ensinar para os meninos e homens as pautas sobre respeito e inclusão, através de reflexão e ações enquanto feministas.

¹ Adichie, Chimamanda Ngozi, O perigo de uma história única, São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p 32.

² Quando falo em identidades, levo em consideração o conceito amplo das diversidades que existem quando se trata de mulheres, e o próprio processo de identificação e subjetivação, que vem se modificando conforme as vivências que as sujeitas têm, tornando-se múltiplas, provisórias, variáveis e problemáticas numa concepção de sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente, conforme estudos de Stuart Hall, que analisou as concepções de identidade.

³ Quando mencionamos mulheres, neste texto, cabe fazer o recorte de gênero com as especificidades das que compõem este grupo: mulheres cisgêneras, brancas, pardas e pretas, identificadas como heterossexuais. Cabe ressaltar que na sociedade, temos muitas outras definições para falar das mulheres que compõem nossa sociedade.

Penso que não é possível ter uma sociedade⁴ digna, inclusiva e respeitosa, se não conversarmos abertamente e com muita sinceridade sobre as diversidades, sobre os gêneros, sobre as novas concepções familiares, sobre a contemporaneidade que nos traz todas as mudanças que fazem parte deste tempo. E, nesse sentido, um tempo que vem ampliando as possibilidades de reconhecimento como seres humanos inacabados e que estão sempre produzindo saberes, identidades, subjetividades, reconhecendo que construímos nossa sociedade através das concepções que vão se modificando com as relações.

Com essa reflexão inicial, entendo que as experiências vivenciadas pelo grupo, foco dessa investigação, possibilitam a escuta de muitas histórias, que, por sua vez, poderão formular novas opiniões e percepções a partir de pontos de vista diferenciados, ao longo da vida. Tais experiências que vivenciamos enquanto sujeitos vão se modificando, conforme as culturas que integramos, as pessoas com quem convivemos, com quem trocamos nossos saberes.

Meus olhos, meus ouvidos, meu olfato, minhas percepções e afetos, enfim, tudo isso voltado para a compreensão de um determinado grupo de mulheres, que fazem parte de uma comunidade “invisível”, que se constituiu de famílias em extrema vulnerabilidade social que antes residiam em outros e diversos bairros periféricos da cidade de Novo Hamburgo, com suas moradias em situações de risco (desabamentos e alagamentos). Tais famílias chegaram ao local para ocupar as casas que foram construídas e financiadas pelo governo federal no ano de 2012, formando um loteamento popular, com a promessa de que haveria infraestrutura digna, com escolas de educação infantil e educação básica, posto de saúde, praça comunitária e espaços que lhes garantisse a dignidade de conviver em comunidade, capazes de garantir às pessoas daquela comunidade “nova”, os direitos básicos para o exercício da cidadania. E isso tudo, para quem vivia na extrema pobreza e altos riscos, que ameaçavam até mesmo sua integridade física e dos seus, por terem moradias construídas em locais insalubres e/ou invasões, era o melhor que poderiam ter em vista, ou até mesmo o melhor que puderam vislumbrar durante a vida até ali, pois sequer imaginavam ter uma casa, uma moradia, diante da realidade e da falta de possibilidades, dessa falta de tudo o que viviam.

⁴ Etimologicamente, a palavra sociedade é originária de dois termos latinos: *socius* e *societa*. O primeiro é traduzido como “parceiro” ou “companheiro”; o segundo, por sua vez, significa “associação entre comuns”. Ambas as ideias estão expressas no conceito de sociedade, tanto em sua utilização mais formal e academicista, quanto no uso trivial em que a palavra é empregada.

Parecia próspero e certo, e obviamente, todas aquelas famílias aceitaram a proposta de mudança para o loteamento. Porém muitas das promessas feitas nunca saíram do papel, exceto a entrega das casas populares naquele loteamento que irei nomear nesta pesquisa como “Loteamento Esperança”⁵. As famílias, aos poucos, foram sendo - ainda mais - desassistidas pelo poder público, o que abriu espaço para o narcotráfico, com disputas violentas de domínio territorial, inclusive com históricos de brigas internas entre os traficantes que queriam demarcar o território, com violência e expulsão de famílias que se opunham aos tratamentos violentos do residencial. Os tempos foram difíceis, e assim, aquelas pessoas tiveram que buscar seus direitos básicos (saúde, acesso à educação, empregos, alimentação...) em bairros vizinhos, para tentar garantir uma vida um pouco melhor, com mais dignidade. O bairro específico pertence ao município localizado na Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), chamado Novo Hamburgo, no Estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Importante deixar registrado aqui que, já que falo dos meus sentidos, tenho um afeto que se volta para um grupo de mulheres residentes naquela comunidade periférica, e o desejo de fazer uma reflexão profunda junto a quem lê essa pesquisa. Por que escolhi essa caminhada? O que me levou a essas observações e a escolha desse tema de pesquisa? Porque as minhas inquietações pessoais se misturam com o meu anseio de aprofundar a pesquisa, sobre a realidade daquelas mulheres? E, também, me pergunto sobre o como eu poderia transcrever os meus “achados”, transformando-os em escrita acadêmica?

Dito isso, resolvi iniciar me apresentando, contando um pouco da minha trajetória.

Sou professora da rede municipal de ensino de Novo Hamburgo desde 2000 e sempre atuei em escolas de bairros periféricos e vulneráveis. Não foi um encaminhamento da Secretaria de Educação, cabe ressaltar. Foi, sim, uma escolha que fiz. Optei pelas instituições de ensino localizadas em bairros periféricos, por acreditar na humanidade, nas pessoas dessas comunidades e no seu poder de organização, mobilização e nas possibilidades de mudanças da sociedade, em especial, quando conseguem se organizar para isso. Por olhar para aquelas pessoas, que mesmo diante de tantas dificuldades na vida, têm esperança e garra

⁵ “Loteamento Esperança”, nome fictício que escolhi para me referir ao local onde a pesquisa vai acontecer, preservando a real identidade da localidade.

para ser resistência. E para além disso tudo, sempre gostei muito de escutar histórias, essas de/da vida. De vivenciar experiências que passam pelo corpo, dessas que nos fazem nos modificar e ter vontade de mudar o que está nos deixando inquieta, pois

[...] é preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperança é se levantar, esperar é ir atrás, esperar é construir, esperar é não desistir! Esperança é levar adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (Paulo Freire, 1992)

Há algum tempo, quando mais jovem e iniciando minha caminhada no magistério, (ainda muito romântica e esperançosa em tudo), tinha como premissa que seria mais fácil promover as mudanças nas quais eu acreditava, para ter um mundo mais digno e igualitário. Mas conforme o tempo foi passando, vi, vivi e me dei conta das grandes dificuldades e dos desafios em atuar como professora em comunidades tão carentes de tudo, tão abandonadas, pessoas que são vítimas do descaso dos governos, da falta de políticas públicas e de investimentos por parte dos governantes, nesse país tão desigual. Não é nada romântico ter que ensinar as letras e números para quem tem fome, tem frio, vive em áreas insalubres ou para quem sofre vários tipos de violências, seja da família, do estado ou dos dois, por ação ou omissão, e tenha que sobreviver desta forma. Torna-se muito difícil aprender conteúdos escolares, sofrendo tanto. E a distância entre os privilegiados e os pobres vai se transformando num abismo, em algo inacessível aos que mais precisam ter as oportunidades para viver diferente.

Meu romantismo se transformou em paixão pelas comunidades carentes e também em luta, em movimento, em busca, para contribuir com práticas que pudessem mudar um pouco a vida daquelas crianças, adolescentes e suas famílias, que cruzavam meu caminho. E então, nessa caminhada, me desafiei a ser conselheira tutelar⁶. Dediquei 13 anos da minha trajetória nessa frente, muito

⁶ O Conselho Tutelar é um órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, instituído nas cidades de todo o território brasileiro, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e adolescentes, definidos na Lei 8069/1990- Estatuto da Criança e Adolescente, pelo governo federal. O conselheiro tutelar, uma vez eleito, é responsável por promover o encaminhamento de situações aos pais ou responsáveis, mediante termo de responsabilidade. Cabe a ele, a tarefa de promover a orientação, apoio e acompanhamento temporários; matrícula e frequência obrigatórias em estabelecimento de ensino, se necessário; e ainda inclusão em serviços e programas oficiais ou comunitários de proteção, apoio e promoção da família, da criança e do adolescente; também fazem parte das atribuições dos conselheiros.

alinhada às escolas da cidade, e não poderia ser diferente já que minha paixão era cada vez mais forte pela educação e minha convicção de que a educação é um dos dispositivos que pode transformar as pessoas para que entendam e busquem seus direitos aumentava a cada história que eu escutava. Assim como o grande educador, da escola cidadã, do direito de aprendizagem a todas e todos, da educação democrática, defendia, neste pensamento tão conhecido e repetido por educadores de todo o mundo: “A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas e as pessoas mudam o mundo” (FREIRE, 1979, p. 84).

Paulo Freire foi e é uma das minhas grandes inspirações e me guia sempre que eu fico triste e duvido dos processos democráticos que a escola pode proporcionar. Assim, retomo minhas energias, com o compromisso que assumi comigo mesma e com a sociedade, quando escolhi trilhar meus caminhos pela educação.

Desde a adolescência sou militante e ativista social das causas e pautas das mulheres. Por isso, essa pesquisa se entende implicada e militante. São escolhas que me movem todos os dias a levantar-me diante das diversas situações de exclusão cultural e social, da pobreza, do machismo, da misoginia, das violências de gênero, do racismo e tudo que possa destruir a condição humana de ser humana, buscando formas de combater essas violências e desigualdades.

No meu entendimento, para ser humano é preciso ter amor, viver com sororidade e empatia, ter afeto, fé e esperança que podemos sim, viver num mundo melhor, que podemos protagonizar as mudanças que acreditamos. E para além disso, que cada uma e um de nós tenha consciência e traga junto de si o anseio de termos igualdade nessas pautas que são de todas e todos nós, e que assim possamos buscar a consolidação ou a criação de políticas públicas eficazes para a garantia dos direitos de todas as pessoas, garantindo tempos e um mundo melhor, fazendo nossa parte, para que tenhamos essa condição de humanidade mais justa, com equidade de direitos e, de forma mais afetuosa.

Desta forma, minhas lutas passaram a ser dedicadas aos direitos humanos e especialmente o das crianças, adolescentes e mulheres na sociedade.

Diante do que vivemos, considerando a conjuntura política e social do nosso país, de inércia de algumas pessoas diante das mais absurdas manifestações de ódio e retrocesso, situações em que se estão abrindo mão do que já foi conquistado

no que diz respeito a cidadania, vejo um processo perigoso de desconstrução e desmoralização de direitos. Em especial, no que tange o respeito à vida e todas as suas condições, minha indignação é reforçada por uma ânsia por dias melhores. Minhas ações são para que nós, mulheres, possamos novamente dialogar sem sermos ofendidas, rechaçadas e ameaçadas por nossos pares; sem prejuízos aos princípios de liberdade de expressão, respeito aos pensares diferentes e não sermos tratadas como inimigas, ou mesmo de retroceder nas poucas conquistas de estarmos, lado a lado aos homens, em lugares de fala, de decisões e de poder.

Nesse sentido é que também escolho me levantar, estudar e me especializar, numa universidade pública. Ser pesquisadora dessas organizações comunitárias e das mulheres, mais especificamente. Ser resistência, com livros na mão e me preparando para atuar mais efetivamente na (re)construção da nossa sociedade, da minha cidade, do meu bairro ou de qualquer outro lugar que eu possa estar. Seja como provocadora, como articuladora dos movimentos sociais e culturais das mulheres, seja instigando a comunidade a buscar na educação e na cultura os movimentos necessários para protagonizar mudanças, tendo voz e força, tanto individualmente quanto coletivamente.

Assim, ao escolher a temática de estudos que busquei aprofundar nesta pesquisa, desacomodando minhas maiores inspirações de vida, que me movem a pensar, agir e provocar outras mulheres a se movimentarem também, busquei a compreensão dos processos de construção das identidades de um grupo de mulheres; busquei também, olhar atentamente para a oralidade na construção das memórias como sendo uma das fontes mais ricas e inesgotáveis de trocas de conhecimentos, instrumento potente de ensino-aprendizagem, de todos os tempos.

Desta forma, este estudo buscou analisar, especificamente, as manifestações culturais envolvendo um grupo específico de mulheres, que participa de atividades coletivas, em um equipamento⁷ público municipal gerenciado pela Secretaria Municipal da Cultura. O trabalho desenvolvido por essa secretaria é transversal e intersetorial, com outras secretarias, e com a sociedade civil organizada, no único espaço público do loteamento, durante as vivências e realização de atividades dirigidas por uma educadora social. Ocupando também o lugar de coordenadora do setor de projetos socioculturais da secretaria e, em paralelo ao papel de

⁷*Equipamento público* é a nomenclatura utilizada na cidade de Novo Hamburgo para nominar espaço público.

investigadora, também busco analisar as (re)significações que as mulheres desse grupo têm oportunidade de vivenciar, com possibilidades para que se organizem entre elas. Naquele grupo, as mulheres são protagonistas na escolha e na indicação dos assuntos que desejam saber, aprender e compreender melhor, trazendo as memórias, as vivências e os aprendizados que tiveram em família, para dentro do grupo de convívio, trocando experiências e significando suas próprias histórias, a partir das trocas possíveis.

Essa pesquisa, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa tendo como referenciais o campo dos Estudos Culturais e seus alinhamentos produtivos com outros campos como o da Educação, dos Estudos Feministas e de Gênero, estabelecendo amplo diálogo e costuras entre eles.

Como procedimentos metodológicos foi adotado o bloco de notas, para os registros das observações, as fotografias, as filmagens em áudio e vídeo, que compuseram o material empírico, juntamente com as entrevistas semiestruturadas durante as Rodas de Conversa.

A partir das informações que emergiram dos procedimentos realizados, foram realizadas análises e interpretações com base na análise de conteúdo proposto por Laurence Bardin (2011). Assim, a análise de conteúdo, uma das formas de tratamento em pesquisas qualitativas, tiveram o objetivo de identificar o modo como as mulheres constroem novos entendimentos e percepções de si e de seus pares. Igualmente, permitiu a compreensão dos modos próprios de organização coletiva que identificavam o grupo, tomando por base as narrativas das experiências vivenciadas. Também busquei perceber, a partir do material produzido, ao considerar a observação dos processos de estruturação comunitária, os motivos da presença significativa das mulheres naquela comunidade, do protagonismo delas nas suas estruturas familiares, das lideranças que surgem entre elas para que possam viver e sobreviver, mesmo diante de tantas desigualdades, dificuldades, violências, exclusão e descaso do poder público.

Há de se salientar que este trabalho investigativo poderá apontar outras possibilidades, que, por sua vez, irão ao encontro de políticas públicas mais assertivas no campo das políticas públicas para as mulheres. Estas ações educativas estão, inclusive, previstas no escopo da Lei Maria da Penha.

As motivações que me levaram, enquanto pesquisadora, que também está

em processo de subjetivação e aprendizagens diárias, me permitiram olhar com mais atenção para aquela organização, naquela comunidade específica e escolhida. Desse modo, acredito que a experiência do mestrado terá impactos em meu desempenho profissional na Secretaria da Cultura. No setor onde atuo, busca-se esse olhar para as comunidades periféricas, com o objetivo da descentralização do direito à cultura, mas também busca-se promover encontros e debates, com as provocações que são possíveis para que a própria comunidade se perceba como produtora de culturas. Sob minha supervisão estão os projetos que acontecem em todos os bairros do Município de Novo Hamburgo. Contudo, é para as comunidades mais vulneráveis que se volta a minha maior atenção e, portanto, é sobre esse lugar que produzi minhas escritas para essa Dissertação.

Mas há de se mencionar, no meu entendimento e nos meus sentimentos, que para além de mudanças no campo de trabalho, de aperfeiçoamento profissional, que de fato, foram de extrema importância, é preciso se olhar, de dentro pra fora, como humana, como mulher, como pesquisadora curiosa e inacabada. Olho e percebo o quanto as experiências que o mestrado me proporcionou, foram determinantes para uma identidade transformada, materializando a tal “celebração móvel”, como menciona Stuart Hall (2012).

Compreendendo meu lugar enquanto mulher cidadã, considero importante trazer alguns dados, num recorte mais amplo, sendo o nosso país parte de um mundo em que acentuam-se as desigualdades, exclusões e violências de variados tipos. Segundo a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), o Brasil ostenta o 5º lugar⁸ no ranking de violência contra as mulheres. Tal classificação denota o contexto no qual se inserem as mulheres e todas as vivências e experiências que sofrem na sociedade, suas lutas para sobreviver numa organização social patriarcal, machista e cheia de preconceitos, de violência e de morte, das formas mais violentas, e ainda observando que na maioria das vezes, as mulheres são assassinadas por seus companheiros ou ex-companheiros. Os dados são alarmantes referindo que em 2022 a cada 6 horas uma mulher foi assassinada no Brasil.⁹

⁸ De acordo com o Mapa da Violência de 2015, organizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso).

⁹ Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 14 ago. 2023.

Meu estudo busca direcionar o olhar para mulheres que tentam a cada dia (re)construir suas identidades e produzir suas histórias, ressignificando suas memórias, tanto individuais quanto coletivas, com muitas dificuldades impostas pelas estruturas da sociedade. Talvez esteja aí uma forma de empoderamento para as próximas gerações, no sentido de se unirem para que as mulheres, de fato e de direito, tenham voz, vez e lugar onde desejarem estar, ocupar ou na maneira que quiserem ser e viver. Não é possível que aceitemos caladas as opressões e violências contra as mulheres, que ainda estão impregnadas por todos os lados na nossa sociedade. Mas isso só acontecerá se compreendermos e tomarmos nossas posições tendo clareza da postura que devemos ter, com resistência e coragem, olhando para as verdades e os caminhos percorridos por tantas outras mulheres que já o fizeram durante as suas existências até o presente momento, pois

[...] vimos que, originalmente, os homens escravizaram a mulher; a desvalorização da feminilidade foi uma etapa necessária da evolução humana; mas teria podido engendrar uma colaboração dos dois sexos. A opressão explica-se pela tendência do existente para fugir de si, alienando se no outro, que ele oprime para tal fim. (BEAUVOIR, 1999, p. 488).

Olhando para os dados disponibilizados pela FLACSO (2015) e alinhando com as histórias das mulheres com quem venho convivendo, especialmente as mulheres que compõem os sujeitos de pesquisa deste estudo, tendo em vista as dificuldades que ainda enfrentam dentro e fora de suas casas, entendo que a cultura que cada uma traz consigo, advém da sua trajetória de vida. Trajetória essa que forja sua identidade, subjetivando-as. Deste modo, entendo que a identidade de cada uma delas é indispensável para a construção de novos conhecimentos, novas formas de ver, entender e respeitar as diversidades culturais que compõem a própria comunidade da qual fazem parte.

Segundo o artigo Direito das Mulheres no Brasil (TAVASSI, et al. 2021), o relatório do Fórum Econômico Mundial coloca o Brasil em 92ª posição em um ranking de 153 países que mede a igualdade de gênero, figurando na 22ª posição entre 25 países da América Latina e Caribe, representando uma das piores colocações da região. Isso é reflexo de um país que ainda luta contra muitas discriminações e preconceitos, herdados de uma estrutura econômica, social e política completamente desigual, e que diante das atuais circunstâncias políticas e sociais que vivemos no país, que pela proposta de governança no que diz respeito

às políticas públicas em todas as áreas, agravada pela crise mundial imposta pela pandemia da Covid19¹⁰, agravou ainda mais a situação daqueles que já viviam marginalizados, excluídos e invisíveis para/na sociedade.

Conforme Michele Perrot (2003, p.17) “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É garantia de uma cidade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo”.

E desta forma, ela nos desafia a pensar sobre a trajetória das mulheres, trazendo pontos importantes para analisarmos, sobre a vida de todas nós em diversos momentos da história, e as considerações nos fazem entender melhor sobre as questões da existência das mulheres na organização familiar e social, trazendo reflexões dos porquês de não haver registros dessas histórias, tanto feito pelos homens como pelas mulheres que escreveram e documentaram sobre os caminhos femininos na humanidade, com um olhar atento às diversas questões das mulheres, de como se organizavam, como viviam e sobreviviam as vivências patriarcais das épocas. Cabe ressaltar que, por vezes, é difícil encontrarmos os registros feitos pelas mulheres, levando em conta que essas escritas, da ótica e do entendimento feminino, não têm a mesma visibilidade em comparação às escritas feitas por homens. Há de se ponderar também, que essas dificuldades, de termos acesso aos registros pelo *lôcus* das mulheres se deram, porque eram educadas para serem submissas e obedientes, ficavam reclusas, confinadas, dentro de suas casas, com as responsabilidades de criação dos filhos, da limpeza da casa e alimentação de toda a família, funções vistas ainda hoje como “coisas de mulher”, sem nenhuma possibilidade de participar das construções políticas e sociais dos tempos em que vivia, sendo completamente submissa aos caprichos, desejos e imposições do homem.

E se para Perrot (ibidem), que observou e apontou sobre as vivências das mulheres na sociedade, tendo como ponto de partida a mulher do ocidente e branca, é indispensável que também busquemos referências em Djalma Ribeiro (2021), filósofa e escritora negra, por ocupar outro lugar de fala. Faz-se necessário embarcar nas suas provocações do pensar os feminismos negros, não comparando as reflexões de uma com a outra, mas fazendo um contraponto do lugar de

¹⁰ A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes.

importância e de fala de cada uma, dos seus pontos de partidas, travessias, chegadas e achados. Como ela mesma reflete, que este pensar sobre o feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual, logo é pensar em novos projetos e novos marcos civilizatórios para que pensemos em um novo modelo de sociedade.

Também em análise às escritas de Lélia González (1984), pensadora negra e feminista, trazendo a reflexão dos contextos culturais em que as mulheres negras e indígenas sempre estiveram, sem lugar de fala, sem que a própria sociedade pudesse perceber ou dar a importância sobre a realidade dessas mulheres nos diversos contextos históricos e sociais. González, em suas escritas, evidenciou as trajetórias e estratégias de resistência dessas mulheres.

A partir das pensadoras e pesquisadoras feministas, mencionadas anteriormente, há de se falar sobre os feminismos, tendo em vista que esta pesquisa tem como objetivo um estudo de caso de um grupo de mulheres de uma comunidade. Os feminismos são movimentos sociais que buscam a igualdade de gênero, combatendo o sexismo e promovendo os direitos das mulheres. Existem diversos tipos de feminismos, que surgiram ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Alguns dos principais feminismos incluem o feminismo liberal que defende a igualdade de direitos legais e oportunidades para homens e mulheres, buscando a autonomia individual e a participação política das mulheres. O feminismo radical que critica as estruturas patriarcais da sociedade como opressivas e busca uma mudança revolucionária para eliminar a opressão de gênero, considerando que a raiz dos problemas está na divisão sexual do trabalho e na supremacia masculina; o feminismo socialista que combina análises feministas com uma perspectiva socialista, combatendo tanto a opressão de gênero quanto às desigualdades econômicas. Considera que a luta de classes e a luta feminista são interligadas. Temos ainda o feminismo interseccional que reconhece que as opressões, como raça, classe social, orientação sexual e gênero, se entrelaçam e se somam, afetando de forma interseccional as experiências das mulheres. Busca entender e combater essas interseccionalidades de forma inclusiva; o feminismo pós-moderno destaca o aspecto cultural do gênero, criticando as normas de gênero e questionando a ideia de uma identidade fixa e universal.

Em síntese, cabe salientar a existência de diversas correntes e abordagens

dentro dos feminismos, cada uma com suas particularidades e focos. Contudo, saliento que o feminismo não é um movimento uniforme, conforme os estudos demonstram, e que as pessoas podem se identificar com diferentes vertentes ou mesmo combinar elementos de diversas correntes.

Considerando também, nessa investigação, minha experiência no Conselho Tutelar durante treze anos, conforme mencionado anteriormente, tive a oportunidade de escutar e pensar sobre as dificuldades que as mulheres têm no exercício da sua cidadania, ou até mesmo em se posicionarem como cidadãs. Percebo que tais direitos, na maioria das vezes, são desconhecidos pelas próprias mulheres, embora previstos em diversas leis, inclusive algumas que surgiram a partir de violências sofridas pelas próprias mulheres, como por exemplo, a Lei Maria da Penha¹¹ e a Lei Carolina Dieckmann¹². Portanto, as leis precisam ter maior divulgação por parte das redes de proteção e dos governos. Precisamos de mais debates ampliados que cheguem nas comunidades, que chamem as mulheres para essas rodas de conversa e de trocas de informações. Somente assim, vamos trazer à luz as pautas das mulheres, no que diz respeito à construção de políticas públicas efetivas e com a participação de quem deve ter voz nesses avanços para a cidadania.

Ainda é importante relacionar essas evidências com a atual proposta de pesquisa, que consistiu em observar, escutar e conviver por um determinado período, durante o campo, com as mulheres da comunidade escolhida, lhes concedendo voz e vez para contarem suas histórias e serem protagonistas em decisões, nos processos de escolha e elaboração dos projetos socioculturais entregues àquela comunidade. Penso que com isso, estaremos promovendo aproximação para participação em debates, contribuindo, de certo modo, com a elaboração e concretude de políticas públicas que vão ao encontro dos anseios por uma vida digna daquelas que compõem o grupo, para terem possibilidades de quem sabe, mudar suas condições de vida e de suas famílias, de garantir seus direitos.

Os estudos referenciados, os indicadores históricos da trajetória na construção dos direitos das mulheres impactaram, definitivamente, a trajetória de vida e escolha de lutas desta pesquisadora. Com isso, o tema da pesquisa escolhido

11 Lei Maria da Penha: sancionada em 7 de agosto de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Com 46 artigos distribuídos em sete títulos, ela cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher em conformidade com a Constituição Federal (art. 226, § 8º) e os tratados internacionais ratificados pelo Estado brasileiro (Convenção de Belém do Pará Pacto de San José da Costa Rica, Declaração Americana dos Direitos e Deveres do Homem e Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher). referência?

12 Lei Carolina Dieckmann, como ficou conhecida a Lei Brasileira 12.737/2012, sancionada em 30 de novembro de 2012 pela então presidente Dilma Rousseff, que promoveu alterações no Código Penal Brasileiro, tipificando os chamados delitos ou crimes informáticos.

para ser aprofundado, buscou olhar atentamente para o entorno das realidades do grupo eleito. Desse modo assim delinheio minha questão provocativa do estudo em questão que pode assim ser definido: como as mulheres de uma comunidade vulnerável, com tantas adversidades e dificuldades atribuem significados a sua identidade?

Assim, considerando as inquietações delineadas, essa pesquisa buscou problematizar as construções identitárias intermediadas pelas relações estabelecidas por mulheres em uma comunidade. Para tanto pautou-se pelos seguintes objetivos específicos: compreender as relações, que se estabelecem entre identidades e memórias individuais e coletivas das mulheres; investigar como acontecem essas vivências nas organizações comunitárias, dando ênfase para o modo como as mulheres se veem, tanto em sua singularidade quanto na convivência em grupo; refletir sobre as questões que envolvem o saber e o exercício da cidadania, com o recorte de gênero; evidenciar as práticas desenvolvidas nas áreas da educação, quando acontecem em outro lugar pedagógico, que não a escola, tendo por base a articulação com o campo social e cultural; e por fim, compreender como as mulheres tornam-se lideranças comunitárias.

Para dar conta de apresentar o percurso da pesquisa e os resultados produzidos, essa Dissertação divide-se em sete capítulos. No primeiro capítulo, falo da “Introdução ou das histórias que importam”; no segundo, apresento a revisão bibliográfica que me permitiu tomar conhecimento do que já foi produzido e/ou o que se aproxima da temática investigada. Desta forma, aproximando-me dos caminhos investigativos já trilhados por outros autores, costurando-os com minhas aprendizagens. No terceiro capítulo, intitulado “Fundamentando a pesquisa”, será apresentado o arcabouço teórico que sustenta o estudo, destacando as teorias relativas aos Estudos Culturais e aos estudos feministas. No quarto capítulo, apresento a metodologia, ou seja, os caminhos percorridos, junto ao grupo das *Mulheres Transformadoras*, sem esquecer de comentar sobre os procedimentos éticos, os riscos e benefícios para os participantes da pesquisa, bem como a produção de informações relevantes para as análises. O quinto capítulo tem o propósito de registrar os pontos de chegada, trazendo relatos importantes sobre as rodas de conversas com as mulheres, dos entendimentos sobre as políticas públicas e em relação aos direitos, entrando em jogo relatos sobre identidades e memórias, empoderamento feminino na comunidade e o modo como as novas possibilidades

de atuação foram construídas por elas, a partir das vivências coletivas e das experiências que cada uma traz consigo. No sexto capítulo, apresento o Produto Educacional, que foi pensado e construído junto com as mulheres do grupo e os demais grupos de convívio social que se organizam no espaço público. Por fim, o sétimo capítulo encerra a dissertação com as considerações a que cheguei, a partir das análises produzidas sobre o material juntado durante o processo investigativo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA OU SOBRE PINCÉIS E TINTAS QUE UTILIZO

Quando escutei a expressão “estado da arte”, logo pensei que pudesse ser algo relacionado à arte, com os pensamentos de quem trabalha na Secretaria da Cultura e sempre está rodeada de todas as manifestações culturais e artísticas existentes, de pessoas que são livres e criativas. Após esse ligeiro e primeiro momento da escuta e imaginação desses termos, meu cérebro me enviou a seguinte imagem: uma pintora, sentada em algum lugar, com uma paisagem linda, observando atentamente aquele universo no horizonte dos seus olhos, atenta aos pequenos, sutis detalhes, contemplando cuidadosamente cada ação, reação, cores, o vento, a natureza, ou seja, os acontecimentos. Para depois, então, expressar seus sentimentos e percepções, pintando-as lentamente e com muito zelo, numa tela branca, mas que aos poucos ficaria colorida, com traços feitos do seu desenhar, seu jeito de manusear as tintas e pincéis, seu olhar e sentimentos para aquela cena que vislumbrava, que era do mundo, em algum lugar.

Fiquei imaginando tudo isso acontecer e quando voltei os olhos e os pensamentos ao trabalho de pesquisa, na tela do computador, tive a certeza de que eu não estava equivocada. Escrever sobre o assunto que me é tão caro, é como pintar uma tela, fazer uma obra-prima, que ficará para o mundo, com as minhas percepções de pesquisadora em constante formação e transformação.

Aprofundando melhor as nomenclaturas dadas aos passos das pesquisas científicas, que era até então um mundo novo e cheio de desafios para mim, também olhei para o “estado do conhecimento” que é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área. No meu entendimento é relevante ter conhecimento prévio sobre o assunto que será aprofundado e até mesmo afeto pelo objeto da pesquisa, faz muita diferença quando a escolha passa por nossas vivências, nosso corpo, nossas inspirações. Da mesma forma, (re)ver o que já foi produzido, o que outras (os) pesquisadoras(res) já se debruçaram para buscar, analisar, escrever, embasar os pensamentos, para melhor orientar nossa própria escrita, não só para justificar, mas sim para fortalecer a relevância de estudar mais sobre o determinado assunto, instigando o pensar e refletir, colocando sob suspeita os achados, as aprendizagens, as concepções prontas. Mexendo e remexendo com o que já me era posto, colocando em *xequemate* o sabido, as certezas, enfim, o que já estava previamente

elaborado. Sendo assim, tive alguns dias para elaborar as perguntas: o que já foi escrito sobre esse tema? Onde iria encontrar? Quais as melhores ferramentas de busca e pesquisa eu poderia usar? Será que outras pessoas também acham relevante pesquisar sobre mulheres, sobre feminismos, sobre cidadania das mulheres periféricas?

E a partir disso, também busquei minha suposta tela branca, que claro já continha esboços de pinturas sobre mim mesma, as vivências e experiências que vivi, misturadas ao meu desejo de pesquisar e pintar sobre outras mulheres nesta tela¹³. Com minha paisagem em vista, fui atrás de inspirações para pintar minhas memórias e pensar como meus achados iriam ser inspirações para minha obra, com o desejo de fazer da melhor maneira possível para mim mesma e para quem mais tivesse o interesse de ler, saber, olhar com lentes de aumento para essa obra a qual me desafiei a produzir.

Pelas palavras de Suárez (2017, p.11) destaco que esta pesquisa se baseia nas “disposições humanas de narrar e narrar-se, de contar histórias da própria vida, de reinterpretá-la e reinterpretar-se como um texto aberto, polissêmico e plural [...]”. Enquanto ser em permanente formação, na trajetória de subjetivar-se, o sujeito se decompõe e (re)compõe como o personagem principal de sua história, mediante uma narrativa atravessada por muitas outras, ecoando múltiplas vozes.

Igualmente, trago Jorge Larrosa que nos diz:

[...] o sentido de quem somos, tanto para nós mesmos como para os outros, depende das histórias que contamos e que contamos a nós mesmos e, em particular, daquelas construções narrativas em que cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal, quer dizer, [depende] das autobiografias, autonarrações e histórias pessoais. (LARROSA, 2004, p.12-13, tradução nossa).

Parto do princípio de que é preciso reconhecer o potencial das construções, organizações presentes nas diversidades das mulheres que formam as comunidades. Com ouvidos atentos e olhar aguçado, busquei junto às lideranças comunitárias e outras mulheres que participavam de grupos organizados, como se dava a funcionalidade daquela comunidade, diante das vivências delas mesmas nessa organização social. Buscando a compreensão de como as mulheres são vistas naquela comunidade e como as suas famílias e outras as têm como referência, estabelecendo relações importantes de confiança e convívio. Também há

¹³ “Não extinga sua inspiração e imaginação, não se torne escravo do seu modelo” Van Gogh.

de se olhar para todas as pessoas que compõem a comunidade, os núcleos menores de convivência, que juntos formam a identidade de um grupo maior, que reside, vive, convive numa localidade específica e singular como esta, que será pesquisada.

Para produzir a revisão bibliográfica desta pesquisa, reuni os diversos materiais já lidos e utilizados desde o início do mestrado e fui adicionando outras leituras e estudos que fizeram parte da minha caminhada de formação acadêmica e profissional, nas áreas da educação e social (direitos humanos, feminismo), incluindo, também, as indicações da minha orientadora e da banca de qualificação. Com olhar atento, revivendo memórias dessas leituras, com muita curiosidade e inquietação, busquei selecionar e analisar alguns textos que tivessem proximidade à temática investigativa para compor esse capítulo.

A seleção do material disponibilizado neste capítulo, aconteceu nos meses de dezembro de 2021 a maio de 2022, não se findando nesse período, obviamente, já que os processos de estudos e elaboração das escritas continuaram, com o cuidado de serem atuais, tendo como base a relevância da escrita acadêmica como produção científica, em língua materna (Língua Portuguesa), que os temas tivessem relação com minha proposta de pesquisa e que fossem escritos por mestres ou doutores.

Apresento a seguir, os estudos que auxiliaram a composição de algumas cores da minha pesquisa, que é minha obra de arte, em constante processo de construção.

Nos Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), considerando o período de 2013 a 2023, utilizando os seguintes descritores: mulheres, identidade de mulheres, mulheres no convívio social, culturas das mulheres, direito das mulheres, identidade, memória, lideranças feministas, direitos das mulheres, foram encontrados sete trabalhos que possibilitaram costuras importantes com minhas questões de pesquisa, desses um é uma tese, o outro é Dissertação e três são artigos e uma monografia. A partir da leitura, selecionei aqueles que se aproximavam da minha temática.

Quadro 1 – Revisão de literatura (artigos)

Banco de dados: Periódicos CAPES		
ANO	AUTOR(ES)	TÍTULO/TEMA
2014	Paulino Pereira, Fernando César Vigário, Carolina Barbosa	Violência contra a mulher: análise da identidade de mulheres que sofrem violência doméstica
2013	Borges, Carolina de Campos	Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade
2017	Ibuquerque Netto, Leônidas de Moura, Maria Aparecida Vasconcelos Queiroz, Ana Beatriz Azevedo Leite, Franciele Maraboti Costa Silva, Giuliana Fernandes	Isolamento de mulheres em situação de violência pelo parceiro íntimo
2021	Abreu, Irene Silva de Gonçalves, Josiane Peres	História e Memória: a luta pelos direitos da mulher em Goiás

Fonte: Elaborado pela autora.

No primeiro trabalho, artigo intitulado *Violência contra a mulher: análise da identidade de mulheres que sofrem violência doméstica*, os autores Pereira e Vigário (2014) apresentam suas conclusões sobre o tema da violência contra as mulheres, como sendo um fenômeno social que é historicamente presente no cotidiano das relações sociais. Apontam que na maioria das vezes, as relações violentas expressam a reação de subordinação e dominação que o homem exerce sobre a mulher, independentemente de sua posição social ou grau de desenvolvimento econômico. Os resultados da análise, demonstram as dificuldades que as mulheres vítimas de violência doméstica sofrem no exercício de suas próprias vidas, de construir novas identidades e ter a compreensão de que a violência de gênero deve ser combatida pela desconstrução das relações de desigualdade entre homens e mulheres, fortalecendo se reestruturando os campos afetivos, possibilitando uma significativa transformação das relações sociais.

Ao pesquisar sobre o *Isolamento de mulheres em situação de violência pelo*

parceiro íntimo, o grupo de autores Ibuquerque Netto, Leônidas de Moura, Maria Aparecida Vasconcelos Queiroz, Ana Beatriz Azevedo Leite, Franciele Maraboti Costa Silva, Giuliana Fernandes (2017), também traz considerações importantes, sobre aspectos da violência em que o parceiro íntimo da mulher a submete, que é o isolamento, afastando-a de sua rede de apoio, proibindo de falar, ver, enfim, de se relacionar com pessoas próximas, como amigos e familiares. A restrição da liberdade, como atitude repressora à mulher, mostrou a dificuldade que ela tem em expressar as suas necessidades em decorrência às violências vivenciadas, nos atendimentos em órgãos públicos, como as Unidades de Saúde. Coube aos profissionais a prática e a habilidade para uma escuta atenta a fim de identificar a situação e possibilitar o auxílio e apoio, para que pudessem acionar suas redes sociais e buscar a proteção. Nesta pesquisa qualitativa e analítica realizada no Centro Especializado de Atendimento à Mulher, no Rio de Janeiro, foram entrevistadas 20 mulheres.

No artigo intitulado *Mudanças nas trajetórias de vida e identidades de mulheres na contemporaneidade*, Borges (2013) apresenta os resultados de uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro e discute mudanças nas trajetórias de vida de mulheres das classes médias nas últimas décadas. Na pesquisa, dez mulheres pertencentes a duas gerações responderam sobre seus projetos de vida. Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os textos resultantes das transcrições foram submetidos a uma análise de discurso. O estudo indicou que o aprofundamento do individualismo na vida social contemporânea vem alterando os projetos de vida dos indivíduos. As trajetórias de vida das mulheres são hoje menos padronizadas; trabalho, profissão e independência financeira são temas que têm ganhado relevância nos seus projetos. Nesse contexto, a identidade feminina é cada vez menos influenciada pelos papéis familiares tradicionais.

Borges (2013) nos instiga a refletir sobre as transformações socioculturais que as mulheres da contemporaneidade vivem, levando em consideração as experiências vivenciadas durante sua vida enquanto sujeito que convive, se faz e refaz social e culturalmente

As alterações nos horizontes de mulheres na contemporaneidade são tomadas neste estudo como reflexo das amplas transformações socioculturais que marcam os tempos atuais. Por isso, para debater este tema tomamos a perspectiva da trajetória de vida como viés de análise, apreendendo, assim, o desenrolar da vida de cada indivíduo como algo codificado e organizado social e culturalmente. (BORGES, 2013, p. 43)

Abreu e Gonçalves (2021), no artigo intitulado *História e Memória: a luta pelos direitos da mulher em Goiás*, estruturaram suas ideias na fundamentação da construção dos direitos das mulheres, fazendo uma reflexão como que numa linha de tempo resumida, dos movimentos feministas e suas conquistas, ao longo das lutas e dos tempos

Não obstante, o agravo que as mulheres ainda sofrem, as conquistas ao longo da história mostram a importância de a mulher assumir-se como sujeito de fato protagonista de sua construção. Além disso, em determinados tempos e tipos de sociedade, as conquistas são menos difíceis de serem alcançadas do que em outros. Porém, essas conquistas só ocorrem quando há uma construção histórica para tal. Portanto, a realidade não vem pronta, é construída por cada povo em seu contexto histórico. (ABREU;GONÇALVES, 2021, p. 23)

Partindo dessas considerações, compreendo a necessidade de buscar na história, a trajetória dos caminhos já percorridos pelas mulheres que estiveram à frente das pautas feministas na nossa sociedade e no país, para que possamos analisar esses caminhos, inclusive os que estamos trilhando nos tempos contemporâneos, sendo as protagonistas na sucessão dessa construção da equidade de direitos entre homens e mulheres, na conquista do lugar de fala da mulher em todo e qualquer ambiente social e cultural, que contribua para a evolução da humanidade, no que tange a igualdade de direitos entre os gêneros.

Quadro 2 – Revisão de literatura (resumos e dissertações)

Repositório Digital da Biblioteca da UFRGS		
Programa de Pós-Graduação em Educação: teses e dissertações		
ANO	AUTOR(A)	TÍTULO/TEMA
2018	Piffer, Bárbara Pilatti	“A gente sempre aprende alguma coisa, inclusive a ser mulher”: reflexões sobre violência de gênero e memória coletiva em uma comunidade de Porto Alegre

2006	Tasso, Rossana Dutra	Mulher, uma questão de identidade: a perspectiva discursiva
------	----------------------	---

Fonte: Elaborado pela autora.

Outra busca importante para meu estudo ocorreu no repositório da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Importante destacar que a UFRGS foi pioneira nas investigações utilizando os aportes nos Estudos Culturais. Pode ser considerada como sendo o berço das discussões e pesquisas relevantes do referido campo. As temáticas investigativas sobre mulheres, gênero, memórias, dentre outras, sob a ancoragem dos Estudos Culturais, vem sendo bem profícuas para nortear minhas leituras e aprofundar meus conhecimentos, já que tive a oportunidade de participar como aluna especial das disciplinas de Estudos Culturais e Feminismos: algumas verdades inconvenientes¹⁴. Levando em consideração as importantes contribuições e estudos desenvolvidos na UFRGS, me senti motivada a consultar autores e autoras no repositório, que dialogassem com minhas inquietações e pudessem colaborar com meus pensares. Assim, utilizei como descritores: mulheres, gênero, violência, memórias e histórias, identidade das mulheres.

Foram encontrados seis trabalhos. A partir da leitura dos resumos, selecionei dois que me chamaram a atenção por terem muita aproximação com o tema e assuntos que permeiam minha pesquisa.

No resumo intitulado *A gente sempre aprende alguma coisa, inclusive a ser mulher: reflexões sobre violência de gênero e memória coletiva em uma comunidade de Porto Alegre*, Piffer (2018), apresenta aproximações significativas com a caminhada por mim percorrida até o momento da construção desse capítulo da minha dissertação. Na pesquisa, a autora olhou para algumas mulheres que passam ou passaram por situações de violência, os significados de “ser mulher”, trazendo da memória coletiva estereótipos e visões socialmente construídas dessa categoria de gênero e de como esses elementos influenciam a violência de gênero.

¹⁴ Disciplinas cursadas no PPG da Faced/ UFRGS: SEMINÁRIO AVANÇADO: introdução aos Estudos Culturais, ministrada pelas Profas. Dras. Cristianne Maria Famer Rocha e Andresa Silva da Costa Mutz (2021/2); e FEMINISMOS: algumas verdades inconvenientes, ministrada pela Prof. Dra. Marcia Barbosa (2022/2).

Piffer (2018) se utilizou dos estudos das feministas pós-modernas para embasar o conceito de gênero como socialmente construído e o termo “violência de gênero” que traz consigo a carga histórica das relações sociais. Utilizando a metodologia qualitativa, ela realizou três entrevistas semiestruturadas, sendo que os relatos analisados foram em combinação com a literatura, e trouxeram evidências que a memória coletiva estereotipada da mulher através de definições essencialistas colabora com a manutenção da violência de gênero. A partir das suas análises, concluiu que após o rompimento da relação violenta, as mulheres entraram em um processo de ressignificação de suas identidades como mulher. Pôde observar que as mulheres mudaram seu modo de interpretar as violências, especialmente as sofridas por elas mesmas e de olhar com lupas ampliadas para as relações de homem e mulher, sendo que essa transformação no entendimento, despertou também a leitura do que é ser mulher entre elas.

O segundo encontro foi com a dissertação de Tasso (2006), e o que mais chamou minha atenção é que a análise das produções textuais que ela faz, são de autoria de alunas universitárias de áreas distintas do saber científico, como as Ciências Humanas, Ciências Exatas, Ciências da Saúde, reflexões pela ótica do lugar de estudo de cada uma para um tema comum “ser mulher é...”, com objetivo de discutir os processos em que se constitui a identidade feminina, como recurso para chegar à noção de identidade discursiva, questão central. Também percebi a aproximação com minha pesquisa já que a pesquisadora teve como referencial as leituras situadas no campo dos Estudos Culturais, com o objetivo de averiguar como os processos histórico-culturais contribuem na determinação e fragmentação da identidade feminina.

Quadro 3 – Revisão de literatura (monografia e dissertações)

Repositório Institucional UERGS		
Programa de Pós-Graduação em Educação: teses e dissertações		
ANO	AUTOR(A)	TÍTULO/TEMA
2020	Martins, Ana Rita Ilha	Mulheres quilombolas da Pampa: ancestralidade, negritude e resistência

Fonte: Elaborado pela autora.

A monografia intitulada *Mulheres quilombolas da Pampa: ancestralidade, negritude e resistência*, de Martins (2020) também se aproximou, em diversos aspectos, da minha investigação: elegeu um grupo de mulheres, buscou olhar com atenção para suas identidades e histórias e elencou suas lutas por direitos e políticas públicas. Através da sua pesquisa, a autora refletiu sobre a vida das mulheres quilombolas da Pampa em torno de sua luta, suas reivindicações por direitos, as lutas em torno de políticas públicas, sobre as formas de luta antirracismo e antissexismo, bem como as lutas das mulheres negras por equidade, que se desenvolve ao longo dos séculos. A autora descreveu sobre a força e determinação desse grupo de mulheres, seus saberes e fazeres. No trabalho desenvolvido, Martins (ibidem) deixou registrado que a mulher negra quilombola da Pampa é empoderada, que luta pela sua visibilidade, luta pela sua comunidade, pelas suas raízes e por seu território.

A partir da seleção dos materiais referenciados acima, dediquei-me aos estudos mais aprofundados, a partir das minhas inquietações a serem respondidas, destas vivências comunitárias das mulheres, na comunidade periférica, que compartilham experiências e aprendizagens, que não são as escolares, convivendo num espaço público que possibilita esses encontros. Realizei as leituras com atenção e curiosidade, uma leitura refletida, para melhor compreensão e fui estabelecendo apontamentos e relações, pintando minha paisagem da forma como fazia mais sentido para mim, e assim, pensamentos, constatações, ideias que compõem o texto que disserto nesse estudo, foram se transformando na minha obra de arte. Obra essa com meu jeito de segurar o pincel e as tintas, meus olhares para as minhas próprias aprendizagens e percepções, ou seja, tudo aquilo que tocou minha alma e me fez refletir.

3 FUNDAMENTANDO A PESQUISA

A construção do referencial teórico que serviu de base para a elaboração dessa pesquisa se deu, sobretudo, a partir dos estudos desenvolvidos no campo dos Estudos Culturais em articulação com as contribuições dos estudos feministas, da sociologia, da antropologia, da pedagogia e campos afins.

Deve-se observar que os Estudos Culturais não configuram uma “disciplina”, mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade" (HALL *et al.*, 1980, p. 7). A área, então, segundo um dos seus promotores, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea. Em análises que tentam mapear o centro de atenção deste campo, encontramos a seguinte avaliação:

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (TURNER, 1990, p. 11).

Os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre o marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base- superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Como argumentava Althusser, existem várias forças determinantes - a econômica, a política e a cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade.

Para tratar da questão da cultura é preciso, de início, saber se está lidando com um termo esquivo, dado a muitas definições e repleto de ambiguidades. Tentei, portanto, circunscrever essa expressão de modo a não a deixar demasiadamente ampla e vaga.

O termo cultura nos faz refletir, conforme refere Peter Burke que nos fala de

uma ampliação do conceito em tempos mais ou menos recentes. Escreve o historiador que até o século XVIII:

O termo cultura tendia a referir-se à arte, literatura e música (...) hoje contudo seguindo o exemplo dos antropólogos, os historiadores e outros usam o termo "cultura" muito mais amplamente, para referir-se a quase tudo que pode ser apreendido em uma dada sociedade, como comer, beber, andar, falar, silenciar e assim por diante. (BURKE, 1989, p. 25).

Larrosa (2002) nos diz que a experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que aconteceu, e deste ponto de vista, deixa explícito que cada indivíduo aprende e ou ensina pelas experiências que vivencia, as sensações que sente e que pode definir, por si só, qual o sentimento lhe provoca, somente através dessas experiências. Através das interações entre os indivíduos, onde constroem ou se aproximam da “sua cultura”, cada um que compõe o grupo, tem a possibilidade de propor aos demais que, de alguma maneira, possam praticar sua cultura. Se essa interação acontece, a cultura se enriquece e se fortalece, através da educação no campo social, de convívio entre os indivíduos.

Sabe-se sobre os diversos conceitos de cultura, contudo, neste estudo, é entendida como sendo esse conjunto de práticas de um referido grupo, tal como nos explica Larrosa (Ibidem).

Junto ao conceito de cultura, não posso perder de vista o conceito de identidade pois é ele quem me auxilia no entendimento das dinâmicas e dialógicas do desenvolvimento do eu, ou seja, no sentido de identificações, que vão se constituindo na imersão na cultura. No entanto, é importante esclarecer que o estudo enfatiza a constituição da identidade feminina como formada por significados relacionados aos processos de identificações (Hall, 1999; Woodward, 2000). Nesta perspectiva, as identidades não são fixas e permanentes, mas sim, fragmentadas e fluidas.

Considero muito importante conhecer e compreender alguns dos aspectos identitários de cada mulher que compõem o coletivo de mulheres, pois cada uma tem suas histórias e memórias a partir do que viveu, tendo experiências e vivências que foram constituindo-as enquanto seres sociais/culturais. Cada uma se diferencia e se torna única, diante de tudo que as constitui, cotidianamente, enquanto sujeitas, contribuindo para formação diversa e rica de um grupo, para contribuir com uma comunidade em que vivem. Não que essas histórias e memórias sejam o limite para

novas aprendizagens, já que as pessoas são constituídas por ressignificações e, portanto, novas memórias o tempo todo, o que só é possível, a partir da permissão do viver e conviver com a diversidade acompanhando as mudanças da sociedade. Entendo que seja desse modo que também, nós, vamos nos forjando como pessoas em constante constituição.

Refletindo sobre os objetivos traçados nesta pesquisa, dei esse passo na direção de compreender como cada uma dessas mulheres são e/ou se enxergam, provocando também nelas esse desejo de *olhar para si*, de se reconhecer, de buscar seus entendimentos de/para si mesmas. A convivência comunitária e diária, nesse sentido, é importante para que se fortaleçam, identifiquem em si mesmas suas memórias, saberes e identidades e com esse exercício, possam compreender-se como cidadãos de direitos e identifiquem-se no próprio exercício da cidadania.

Podemos refletir, diante das observações realizadas e mesmo nos comportamentos humanos, que cada pessoa se reconhece pela convivência com outras pessoas, pela escolha do grupo que ela se identifica. Assim, busca o pertencimento, dentro de uma determinada identidade cultural. A partir de um convívio plural, poderá perceber que existem muitas formas de ser e de viver, através de compartilhamentos.

Quando ouço a palavra confluência ou a palavra compartilhamento, pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço a palavra troca, entretanto, sempre digo: “cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a troca significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento, temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. (BISPO, 2023, p.36).

Durante o percurso, busquei aprofundar sobre essas experiências e “compartilhamentos culturais” entre as mulheres do grupo escolhido, observando com atenção as construções das relações entre elas, a partir dessas possibilidades de vivências narradas, que enriqueciam o seu conviver, que ao falarem e serem ouvidas, iam fazendo costuras entre suas vidas e experiências, significando as intenções de estarem participando do grupo de mulheres.

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer estreitas barreiras que moldaram o modo com o reconhecimento é partilhado. [...] quando nós educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo multiculturalismo do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora. (HOOKS, 2017, p. 63)

Para nós, educadoras, que estamos inseridos nas salas de aula ou nos mais diversos espaços de aprendizagens, que não são somente as salas de aula, mas sim, todo e qualquer lugar onde ocorram compartilhamentos, diálogos, expressões, possibilidade de aprender e ensinar, penso que somos responsáveis por ter nossa lente de aumento para a compreensão do multiculturalismo, das diversidades nas formas de aprendizagem. Tudo isso é mais que somente olhar. Nesse sentido, temos a responsabilidade de possibilitar que as pessoas, crianças ou adultas, orientadas por nós, tenham a real experiência dessas trocas que são potentes, que poderão lhes inspirar e impulsionar transformações, ressignificando os jeitos de ver e viver o/no mundo.

Para além da escola, julgo importante salientar, que a educação nos espaços não escolares, como aqueles encontrados na comunidade investigada, complementa o aprendizado formal, oferecendo experiências práticas e interativas que podem enriquecer o conhecimento adquirido em sala de aula. Tais locais proporcionam um ambiente propício para explorar áreas específicas, como ciências, artes e cultura, oferecem oportunidades para explorar ideias inovadoras, desenvolver habilidades criativas e estimular a curiosidade. Eles incentivam o pensamento crítico, o questionamento e o autoaprendizado, permitindo que as pessoas persigam seus interesses de forma autônoma. Esses espaços desempenham um papel importante na promoção da inclusão social, permitindo o acesso ao conhecimento e à cultura por parte de pessoas de diferentes origens e condições sociais. Oferecem programas educacionais específicos para públicos em situação de vulnerabilidade, abrindo oportunidades para todos. As interações com outras pessoas, com o ambiente e com as exposições ou materiais disponíveis contribuem para aquisição de conhecimento e habilidades de forma mais descontraída e flexível.

Esses compartilhamentos possíveis, de convivência que as mulheres têm a possibilidade de vivenciar na Praça CEU, por exemplo, desempenham um papel fundamental no desenvolvimento delas e na garantia de sua cidadania,

complementando a educação formal e proporcionando oportunidades de aprendizado significativas, alinha-se aos princípios de aprendizado ao longo da vida, estimulando a criatividade, a curiosidade, a inclusão social e o desenvolvimento de habilidades necessárias para enfrentar os desafios do presente e do futuro. Possibilitando a construção de ferramentas potentes para o empoderamento feminino.

4 QUANTO AO PERCURSO METODOLÓGICO

O caminho trilhado, na busca por respostas às inquietações propostas nesta investigação, apresentou características de uma pesquisa etnográfica. Entretanto, é importante esclarecer que não se trata de um estudo etnográfico puro ou completo e sim de uma pesquisa que tem um viés etnográfico, numa perspectiva crítico-dialética. Não se trata também de utilizar a etnografia meramente como técnica, mas como uma base teórica metodológica que poderá trazer importantes desafios para a pesquisa, buscando as questões de interesse, levantadas no problema, o mais profundamente possível.

Segundo André (1995) o interesse pela pesquisa etnográfica em educação aparece com mais evidência no fim dos anos 70, concentrando-se na investigação da sala de aula e da avaliação curricular. Isso acontece, em grande medida, em contraponto ao fato de os estudos desses universos estarem centrados, até então, na observação do comportamento de professores e alunos em interação, no treinamento de professores e na medição da eficiência de programas de treinamento, amparados pelas contribuições da psicologia comportamental.

A perspectiva etnográfica ganha espaço nesse contexto de superação dos problemas apontados por aquelas críticas, objetivando reconhecer, valorizar e incorporar como elementos válidos a multiplicidade de sentidos presentes no contexto no qual se insere o equipamento público onde a pesquisa é realizada, parte de um universo cultural mais amplo.

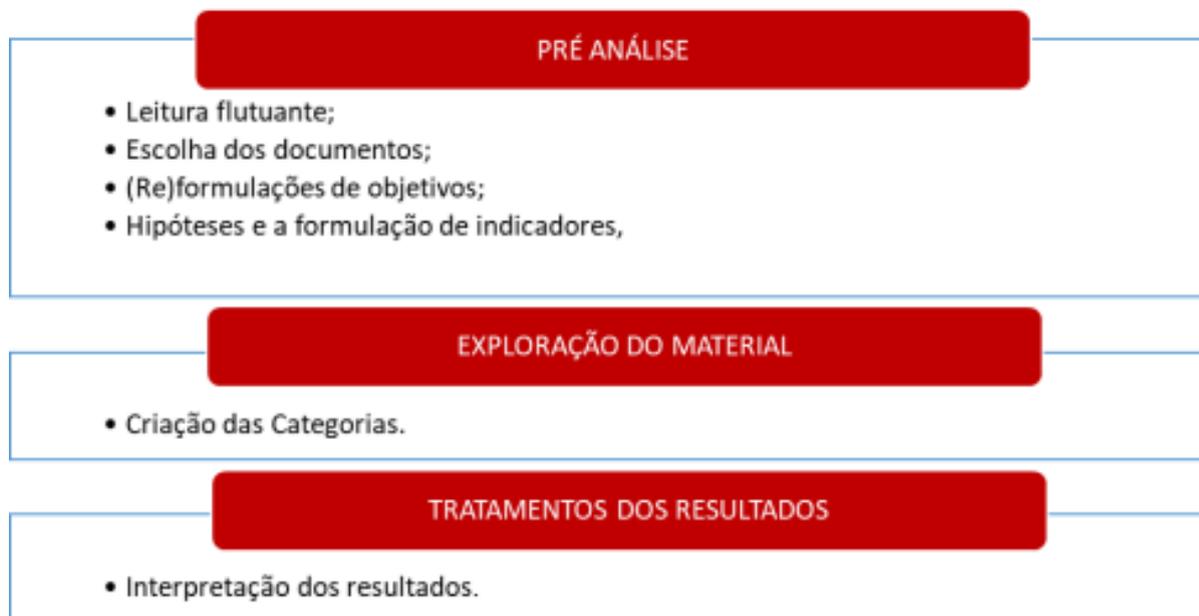
Importante destacar que essa pesquisa se configura, igualmente, dentro de uma abordagem qualitativa por sua vinculação ao universo da pesquisa científica, considerando o tipo de pesquisa, os instrumentos e técnicas de análise de dados articulados com tal abordagem. Neste estudo, pela técnica de análise de dados, a Análise de Conteúdo defendida por Laurence Bardin.

A análise de conteúdo é entendida como um conjunto de técnicas de “análise das comunicações, que visa obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem as inferências de conhecimentos relativos de condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2004, p. 41). É compreendida como um conjunto de instrumentos metodológicos, em constante aperfeiçoamento, que objetiva analisar diferentes aportes de conteúdo sejam eles

verbais ou não-verbais, por meio de uma sistematização de métodos empregados na análise de dados.

A técnica de pesquisa Análise de Conteúdo defendida por Laurence Bardin (2011) se estrutura em três fases: 1) pré-análise; 2) exploração do material, categorização ou codificação; 3) tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Figura 1 – Sequência da técnica da análise de conteúdo



Fonte: Bardin (2011 *apud* SOUSA, 2019).

As análise dos conteúdos, bem como a elaboração e interpretação dos dados obtidos, explorando todos os materiais coletados foi imprescindível para o meu entendimento e interpretações, construindo minhas hipóteses para a formulação do produto final deste trabalho de pesquisa, que fosse compreendido, protagonizado e útil para as mulheres, para a comunidade, para outros pesquisadores que virão. Desse modo, contribuindo para avanços no que diz respeito aos direitos das mulheres, às construções coletivas e comunitárias, à importância de olharmos para as histórias, identidades e memórias das mulheres no exercício de sua cidadania.

Com a compilação dos dados pesquisados durante os processos, as análises serão apresentadas nos próximos capítulos, tendo como premissa fazer a devolutiva para a educadora social e as mulheres que participaram, entregando como produto, importantes reflexões sobre as organizações populares na construção da identidade

da comunidade, seja pelas trocas de saberes entre elas ou pela significação da cultura construída pelas mulheres, como forma de garantir o direito à cidadania.

A pesquisa realizada pretendeu, portanto, estranhar o familiar, processo que se dá “quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações” (VELHO, 2004 [1987], p.131). Segundo Dauster (2003, p. 3) “esta atitude de estranhamento visa, através da análise de relações sociais concretas, o questionamento de categorias abstratas e do senso comum para atingir um conhecimento mais complexo da realidade”.

Desse modo, foi possível buscar a compreensão de modos próprios de organização das mulheres que fazem parte daquele grupo em específico, daquela comunidade, demonstrando como são construídos socialmente.

O primeiro passo adotado foi realizar uma visita ao equipamento público, localizado no Loteamento Esperança, chamado de Estação Cidadania Cultura, conhecido popularmente como Praça CEU (Centro de Artes e Esportes Unificados), pois foi o primeiro nome que na época de sua construção e início de funcionamento, no ano de 2013, recebeu do governo federal. A visita foi guiada pelo coordenador do espaço, que cumpre jornada de 40 horas semanais, e é responsável pela organização geral do espaço, respondendo à SECULT.

O coordenador do espaço explicou os objetivos dos trabalhos ali desenvolvidos e a importância na vida cotidiana das pessoas que residem no loteamento por ser o único espaço público no local. Ao circularmos pelo local foi mostrado salas, espaços internos e externos onde acontecem as atividades. Também comentou sobre o slogan do local como sendo ali “um lugar de viver”. Tal slogan me fez ficar pensando sobre tudo o que poderiam representar as propostas de trabalho, as pessoas que circulavam ali durante os dias, as que participavam das atividades, as possibilidades de vivências, as oportunidades de aprendizagem possíveis, enfim, entendi tratar-se de uma frase plena em significados e com possíveis impactos capazes de nos desafiar a pensar.

Esses registros foram feitos a partir do diálogo entre o coordenador e a pesquisadora, anotados no bloco de notas. Expliquei o intuito da pesquisa e pedi sua autorização para descrever o relato e fazer algumas fotos do local. Obtive autorização, de imediato. Neste momento também fizemos a leitura do Termo de

Consentimento livre e esclarecido e o termo de autorização de uso de imagem, para que conheçam os objetivos da pesquisa e o modo de participação nos processos investigativos.

Esses primeiros passos do estudo, foram fundamentais para as definições dos meus objetos de pesquisa com maior certeza, do ajuste de foco e da minha escuta atenta, da importância dos registros em fotos, da necessidade e da riqueza da ida ao campo, para aguçar meus ouvidos e ter esse foco ajustado para a intencionalidade dos meus objetivos e qualificação dos meus “achados”.

Figura 2 – Foto Estação Cidadania Cultura, Bairro Boa Saúde, Novo Hamburgo-RS



Fonte: Site oficial da Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo¹⁵.

4.1 ENCONTRO COM O GRUPO DE MULHERES

Sendo assim, para a condução dessa pesquisa, escolhi um dos tantos grupos que se encontram semanalmente no espaço, chamado *Mulheres Transformadoras*. Mas a escolha não foi feita aleatoriamente, já que minha intenção era investigar como essas mulheres da comunidade se organizavam, construam e significavam suas identidades e memórias, através de suas vivências. Me interessei sobre o modo como essas mulheres exerciam suas cidadanias, seja através da educação

¹⁵ Disponível em: <https://novohamburgo.rs.gov.br/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

social ou mesmo através da participação comunitária e justamente num local, espaço que permitia a aprendizagem, mas que não era propriamente uma escola, com suas organizações e funcionalidades institucionais.

O grupo investigado era composto por 15 mulheres da comunidade local, jovens, adultas e idosas. Deste grupo, algumas com diagnóstico de depressão, outras com outras demandas de saúde mental, fazendo uso de medicamentos contínuos e sendo acompanhadas pelos especialistas de Saúde Mental da Secretaria de Saúde, conforme informações da educadora social e, outras ainda, vítimas de violência ou por viverem em relacionamentos abusivos.

Algumas delas vivem sozinhas em suas casas, outras com filhos(as) e netos (as). Algumas com maridos ou companheiros. O aprofundamento acerca da organização familiar de cada uma, foi compreendido após a realização da pesquisa individualizada, onde analisamos os dados de forma mais detalhada.

Elas se reúnem uma vez por semana, no espaço público sociocultural, para vivenciar momentos de troca de experiências, contar suas histórias, ouvir as histórias dos seus pares e pode-se dizer que neste processo, ensinar e aprender sobre os mais variados assuntos e temas que as envolve naquele encontro. Mas há de ser mencionado que são vizinhas e que se conversam e se encontram em outros grupos de convivência, que também acontecem no local ou no próprio ir e vir na sua comunidade local. São protagonistas na escolha dos assuntos que mobilizam os encontros do grupo *Mulheres Transformadoras*, sendo possível, desta forma, propor rodas de conversas importantes e potentes, ou mesmo dinâmicas, com reflexões e discussões abertas para o amplo debate sobre assuntos relevantes, que influenciam diretamente suas vidas e seus cotidianos

Quando me aproximei da educadora social que é a responsável pelo acompanhamento do grupo de mulheres desde 2019, para expor a intenção da pesquisa e a forma que estava organizando e pretendia realizar as observações e entrevistas, bem como a possibilidade de fazer uma roda de conversa com o grupo, ela logo concordou e foi solícita em relação às informações recebidas sobre a metodologia da pesquisa e do modo como seriam propostas as atividades de participação. De imediato a educadora social me concedeu acesso aos planejamentos e aos outros documentos do grupo, os quais pude ler e me inteirar sobre as formas e propostas já feitas com e pelo grupo.

Após essa definição, foi a vez de reunir as mulheres que compõem o grupo *Mulheres Transformadoras*, em uma primeira roda de conversa organizada pela educadora social, no mês de outubro de 2021. Foi então que tive oportunidade de explicar as intenções de minha pesquisa e como iria me organizar para acompanhar algumas atividades que desenvolviam nos encontros. Prestei informações sobre a necessidade de fazer entrevistas, gravações e fotos, de forma a compor material empírico para meus estudos. Entretanto, fiz questão de salientar sobre a total liberdade que tinham para participar ou não das etapas e das propostas, sem dano algum ou cobrança de qualquer espécie, podendo inclusive, desistirem de participarem a qualquer tempo ou optar por não participarem de alguma etapa da pesquisa, caso não se sentissem à vontade para tal.

Também neste momento elas puderam fazer seus questionamentos, sanando suas dúvidas acerca da pesquisa. Algumas das questões que solicitaram esclarecimentos foram: para que eu estava pesquisando e onde estaria essa pesquisa após eu terminar de escrever sobre ela. Então expliquei que gostaria de saber quem são essas mulheres que participam da comunidade e deste grupo organizado; escutar as suas histórias; entender como aquele grupo se organizava dentro daquele espaço e da comunidade; objetivava também saber sobre a existência de lideranças comunitárias entre elas; como dialogavam, quais os principais assuntos e como buscam as resoluções dos problemas elencados pelo grupo; e seus entendimentos sobre a importância dessas trocas e experiências que faziam. Expliquei que desse modo eu estaria compreendendo melhor suas culturas e suas identidades. Neste momento também expliquei que iria fazer observações, anotações, e que teríamos momentos de conversas e entrevistas orais, além de fazer alguns registros fotográficos e gravações. Lemos juntas o Termo de Consentimento livre e esclarecido e o Termo de consentimento de uso de imagem, logo após preenchemos e as mulheres que concordaram em participar, assinaram.

A dinâmica, desse primeiro encontro, foi presencial. Aproveitamos para estabelecer o formato de roda de conversa, respeitando as indicações de distanciamento, utilização de máscaras e aferição de temperaturas na chegada, pois nesse período estávamos em plena pandemia do Covid-19 ¹⁶ sendo que era imperioso seguirmos as regras estabelecidas pelos órgãos sanitários de saúde da

¹⁶ As entrevistas foram realizadas no período de dezembro de 2021 a março de 2022.

cidade, devido ao contágio da doença.

No segundo encontro, que foi previamente agendado com a educadora social, aconteceram as entrevistas semiestruturadas, com ela e com as mulheres, para podermos olhar com mais atenção para alguns dados das participantes. Essas entrevistas foram realizadas por meio de questionário impresso, que levei para este encontro, previamente combinado com o grupo. Devido a realidade da maioria delas, de não ter domínio da leitura e escrita, pela falta de acesso à educação formal, optei por entrevistar uma por uma, fazendo a leitura das perguntas e registrando suas respostas. Os dados coletados foram analisados para responder aos anseios que me levaram a pesquisar sobre o grupo de mulheres. Sobre as entrevistas, considero importante informar sobre o sigilo de cada uma, em relação ao seus nomes, que foram substituídos por nomes fictícios de flores.

Já o terceiro encontro aconteceu¹⁷ para observação da roda de conversa, que as mulheres participam semanalmente no espaço cultural, para compreender como elas se organizavam, debatiam, trocavam experiências através da oralidade, através das narrativas de suas histórias e de suas experiências de vida em torno dos assuntos específicos, pensados e abordados naquele determinado encontro. Os registros de toda a dinâmica do encontro, foi escrita no diário de campo e fotografada, com as minúcias da escuta, consolidando os objetivos da pesquisa.

O quarto encontro foi uma roda de conversa¹⁸ organizada por mim, com a educadora e as mulheres, com a intenção de debate aberto e amplo, direcionado para pensarmos e falarmos sobre os direitos das mulheres, o que elas entendem por políticas públicas, participação e liderança comunitária e a importância dos encontros que vivenciam entre elas naquele espaço, tendo como base do diálogo as identidades e as memórias de cada uma e do grupo e de como isso se dava na perspectiva de ensino-aprendizagem naquele ambiente, que não era uma escola ou uma instituição de ensino.

Segundo Gerhard e Silveira (2009, p. 33):

A pesquisa é a atividade nuclear da Ciência. Ela possibilita uma aproximação e um entendimento da realidade a investigar. A pesquisa é um processo permanentemente inacabado. Processa-se por meio de aproximações sucessivas da realidade, fornecendo-nos subsídios para uma intervenção no real.

¹⁷ Esse encontro aconteceu em novembro de 2021, tendo a presença de 12 mulheres.

¹⁸ O quarto encontro aconteceu em março de 2022, com a presença de 9 mulheres.

Tendo consciência e entendimento de que a pesquisa é um processo permanente e inacabado, mas que nos possibilita uma aproximação com o contexto a ser investigado, é que busquei traçar caminhos que me levassem à compreensão de como as mulheres se identificavam, conviviam, trocam experiências, se ensinavam e aprendiam, reestruturando-se e se empoderando diante das adversidades que vivenciam, podendo servir de exemplos umas para as outras de ressignificação do *ser mulher*, permitindo-se ser liderança na/para seus pares na sua comunidade.

4.2 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

O projeto de pesquisa foi avaliado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), registrado com o CAEE 60417522.7.0000.8091 em 03/10/2022. Após a aprovação do Projeto de Pesquisa, os procedimentos foram realizados para dar continuidade ao andamento da pesquisa, através da aplicação da metodologia planejada.

Todos os envolvidos e envolvidas nesta pesquisa foram esclarecidos sobre ao uso e gravação de áudios das conversas, da realização de fotos e filmagens que foram ocorrendo durante os processos, dos riscos e desconfortos, sobre a confidencialidade, dos benefícios da pesquisa para a comunidade e para a academia; bem como sobre o pagamento, onde não houve nenhum tipo de despesa aos participantes.

Foi aplicado um questionário com perguntas previamente elaboradas, levando em consideração o objetivo dos estudos, a todos e todas envolvidas. O tempo aproximado para realizar cada entrevista foi determinado pelo desejo individual de cada mulher em relatar sobre suas opiniões e entendimentos, levando em consideração que algumas questões eram dissertativas.

Outra proposta colocada em prática foi a roda de conversa, para que assim pudessemos estreitar laços, aproximando pesquisadora e pesquisadas, através de momentos espontâneos com diálogos amigáveis, guiados pelos objetivos da pesquisa.

Além disso, todas as entrevistas foram precedidas da leitura e assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo A), Termo de Consentimento Livre e Esclarecido-TCLE (Anexo B e C), para a educadora social e o coordenador do espaço público que acompanham as atividades das mulheres, também foi

solicitada a assinatura dos termos citados para os que aceitaram participar, para após esse procedimento, ser dado início a coleta de dados.

Ademais, os procedimentos adotados obedeceram aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/12 e Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

4.2.1 Riscos e Benefícios

Abaixo, subscrevo um excerto tal qual está o texto nos TCLE e TALE, anexos na pesquisa, autorizados pelo CEP, para expor os riscos e benefícios.

Para a educadora social, coordenador e mulheres:

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa segue as normas legais e éticas, obedecendo aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Porém algumas situações que, no decorrer do processo possam acontecer como: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre a identidade, memória e vivências, satisfação profissional, falta de tempo para receber e esclarecer pontos da pesquisa. Há um risco ainda de quebra de sigilo. Obviamente, o compromisso da pesquisadora, se fez presente em todos os processos relativos à pesquisa, cumprindo todas as exigências e deixando claro no TCLE a intenção de confidencialidade. Nos documentos também ficou claro que o compromisso da pesquisadora em readequar e readaptar os horários e dias de visita e entrevistas, ajustando as necessidades dos participantes, observando suas considerações para minimizar danos e/ou constrangimentos. (TCLE)

Julgo importante destacar, ainda, que a educadora social esteve presente nas intervenções da pesquisa, quando se tratava de propostas em grupo, como as rodas de conversa. Também foram preservados o sigilo e a privacidade dos participantes da pesquisa, durante todas as fases desta pesquisa. As fotografias foram feitas para retratar o cotidiano e as experiências vivenciadas pelas dinâmicas e propostas feitas ao grupo, com o cuidado de não expor nem o rosto, nem partes do corpo que causem constrangimento às mulheres. A transcrição do áudio não especificou nem o nome, nem outro dado que tornasse possível a sua identificação. Além disso, também não foram feitas referências aos nomes das mulheres nos registros da pesquisa, nem nas produções que derivaram deste estudo. Também cabe informar que o material da pesquisa ficará guardado pela pesquisadora e ninguém mais terá

acesso aos documentos, que serão utilizados unicamente para análise deste estudo.

Por fim, foi salientado que o estudo, após finalizado, será divulgado para os responsáveis e para a comunidade, sendo um indicador potente das organizações de mulheres nas comunidades.

4.3 PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Nesta pesquisa, onde busco produzir informações, a partir dos seus objetivos, se deu por meio da análise dos documentos organizados, sendo um deles, o questionário semiestruturado para as mulheres. Tal documento constitui-se de diálogos, registrados em um bloco de notas, com a educadora social (ANEXO F) que acompanha o grupo e com as próprias participantes e ainda através de observações e participação ativa nas rodas de conversas, ora observadas e ora propostas pela pesquisadora. A análise consistiu em entendimentos sobre a organização e o funcionamento do grupo, com maior ênfase na singularidade de cada mulher, suas histórias, memórias e a identidade que a constitui enquanto ser humano e a faz importante também na constituição deste grupo, ora ensinando e ora aprendendo, naquele espaço público.

Assim, com os possíveis achados, serão (co)produzidas versões da realidade desse grupo. Tais achados possivelmente potencializarão outras informações, descrevendo, compreendendo e analisando o material reunido durante os processos da pesquisa.

Alguns desses processos da pesquisa aconteceram, conforme já mencionado, por meio da observação participante conjugada com a filmagem. Outros, a partir da realização de conversas informais (conversas espontâneas) com as mulheres do grupo. Outros processos, surgiram, igualmente, de fotografias, de registros no bloco de notas, da solicitação de textos (memoriais) escritos pelas mulheres, das entrevistas semiestruturadas, tendo o cuidado para não serem engessadas, ou seja, entrevistas que não as permitisse falar sobre o que elas tinham desejo e que julgassem importante dentro do contexto do diálogo.

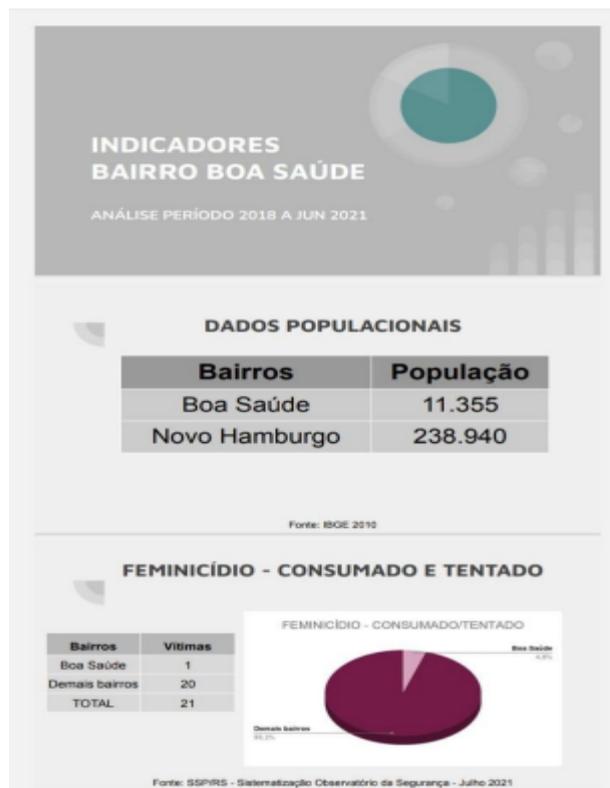
Conforme, Gerhard e Silveira (2009, p. 74) a entrevista é:

[...] uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação.

Para ter comparativos e demonstrativos da situação das mulheres naquela localidade, busquei dados estatísticos de violência contra as mulheres, num recorte da localidade em que minha investigação aconteceu, junto ao Observatório de Segurança¹⁹ do município também.

Esses dados foram explorados para mapear essas vivências na comunidade e aguçar as reflexões sobre as políticas públicas para mulheres no bairro, permitindo identificar uma correlação entre os dados trazidos pela estatística já mapeada e os relatos das mulheres, em relação às violências. Abaixo algumas informações extraídas do Observatório:

Figura 3: Dados estatísticos de violência contra mulheres no bairro Boa Saúde



Fonte: Equipe de Observatório de Segurança do município.

Figura 4: Dados estatísticos de violência contra mulheres no bairro Boa Saúde

¹⁹ O Observatório da Segurança é um centro de pesquisa social aplicada voltado a mapear indicadores criminais e não criminais no município de Novo Hamburgo/RS.



Fonte: Equipe de Observatório de Segurança do município.

Figura 5: Dados estatísticos de violência contra mulheres no bairro Boa Saúde



Fonte: Equipe de Observatório de Segurança do município.

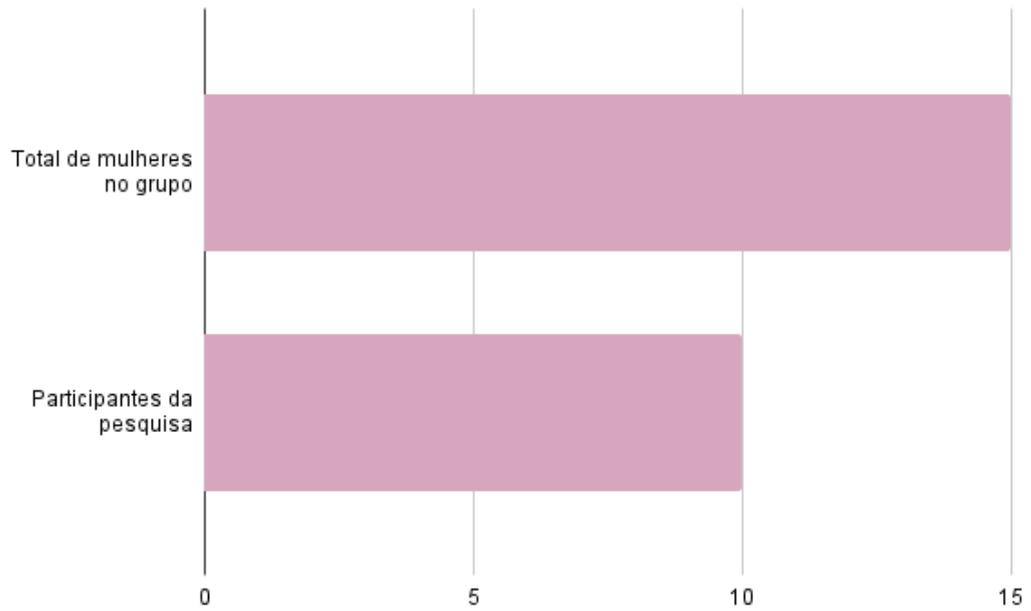
Os dados apresentados acima, somados aos que foram agregados durante os processos investigativos, possibilitam estabelecer um diálogo importante com as participantes da pesquisa, com a intenção de instigar nos processos formativos, para que se reconheçam como parte da história na construção dos direitos das mulheres na sociedade, como pertencentes e com lugar de fala, de fato e de direito. Perceber o lugar de importância que ocupam em sua comunidade, enquanto mulheres e líderes comunitárias, permitirá que elas percebessem como estavam chegando as políticas públicas até sua comunidade e se essas iam ao encontro de suas necessidades e da realidade daquela comunidade.

5 SOBRE OS PONTOS DE CHEGADA

A partir dos materiais produzidos através da metodologia utilizada nesta investigação, foi possível reunir uma grande quantidade de informações, considerando os objetivos do estudo. Para melhor desenvolver a análise das informações que emergiram do estudo, criei cinco eixos, quais sejam: identidades e memórias; políticas públicas e os direitos das mulheres; diálogos potentes de (re)significação; as conquistas para a cidadania; e, os novos caminhos na comunidade. Esse último eixo analítico foi dividido em subseções: coletivo de mulheres, biblioteca comunitária: por um lugar de direitos e acolhimento e “Pão solidário”: o resgate da culinária familiar como ponto principal para geração de renda.

Antes de adentrar nos eixos, penso ser importante apresentar, de forma mais detalhada, o grupo *Mulheres Transformadoras*, sujeitas desta pesquisa, a partir dos resultados dos questionários semiestruturados.

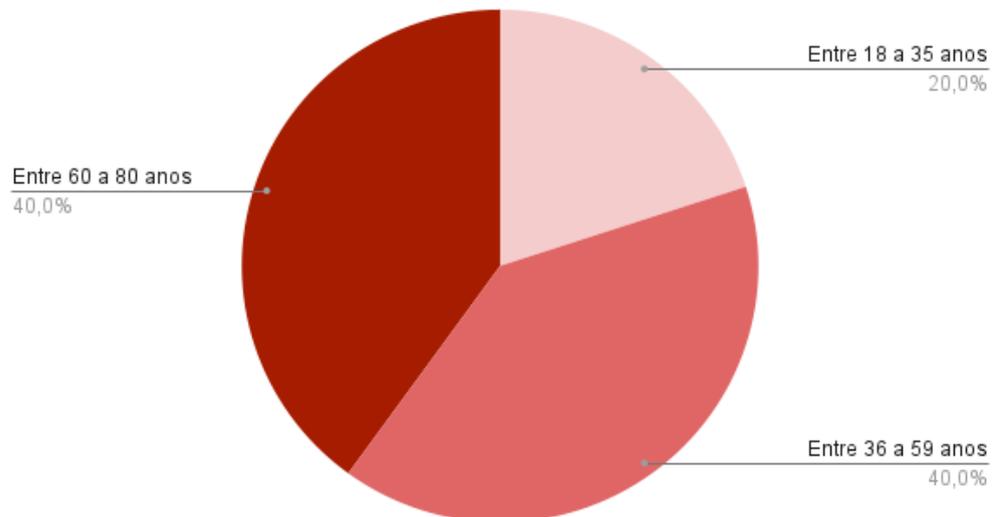
Conforme já informado no capítulo da metodologia, o grupo é composto por 15 mulheres da comunidade local. São mulheres adolescentes, adultas e idosas, algumas com diagnóstico de depressão, outras demandas de saúde mental, fazendo uso de medicamentos contínuos e acompanhadas pelos especialistas de Saúde Mental da Secretaria de Saúde. São mulheres de 18 a 80 anos, algumas que já sofreram algum tipo de violência doméstica, seja física ou psicológica e continuam vivendo em situação de extrema vulnerabilidade social. A grande maioria delas não tiveram acesso à educação formal, tendo cursado até, no máximo, o 3º ano do Ensino Fundamental. Talvez devido à baixa escolarização é que a comunicação mais utilizada entre elas seja a oralidade. Elas se reúnem uma vez por semana para vivenciar momentos de troca de experiências e vivências em forma de diálogos nas rodas. São protagonistas na escolha dos assuntos que permeiam os encontros. As rodas de conversas de que participam são consideradas muito importantes, potentes, dinâmicas, reflexivas e com discussões abertas para o amplo debate sobre assuntos relevantes, que possivelmente, influenciam diretamente suas vidas.

Figura 6: Gráfico de participantes

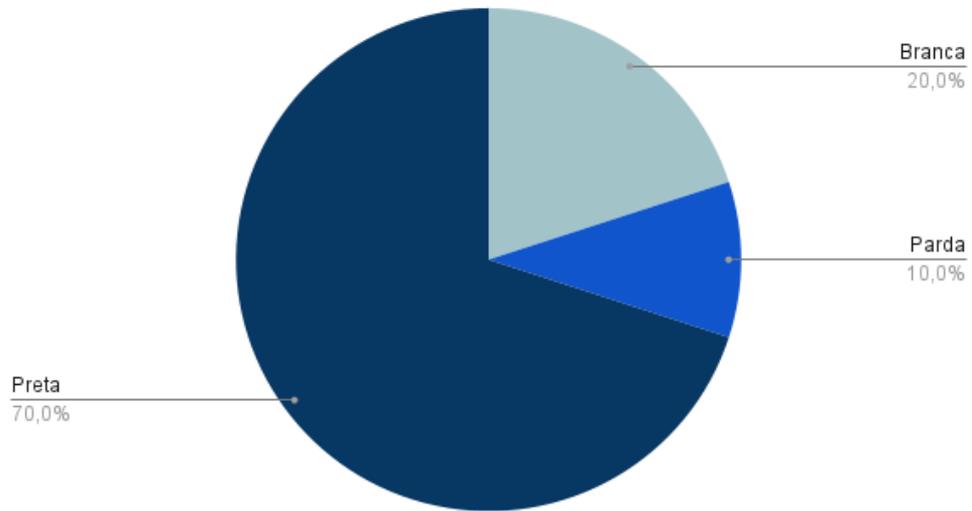
Fonte: Gráfico elaborado pela pesquisadora.

Figura 7: Gráfico de faixa etária das entrevistadas

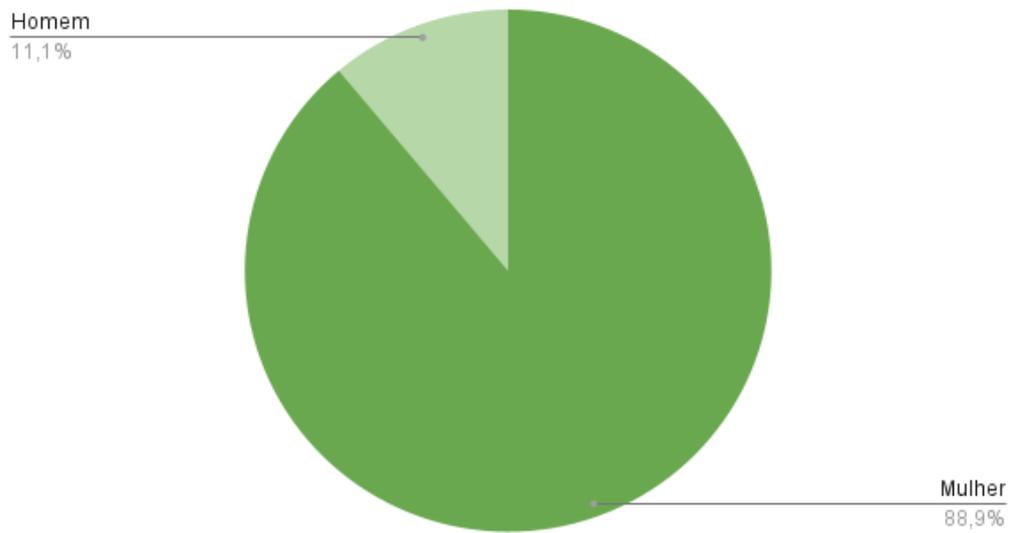
Faixa etária das entrevistadas



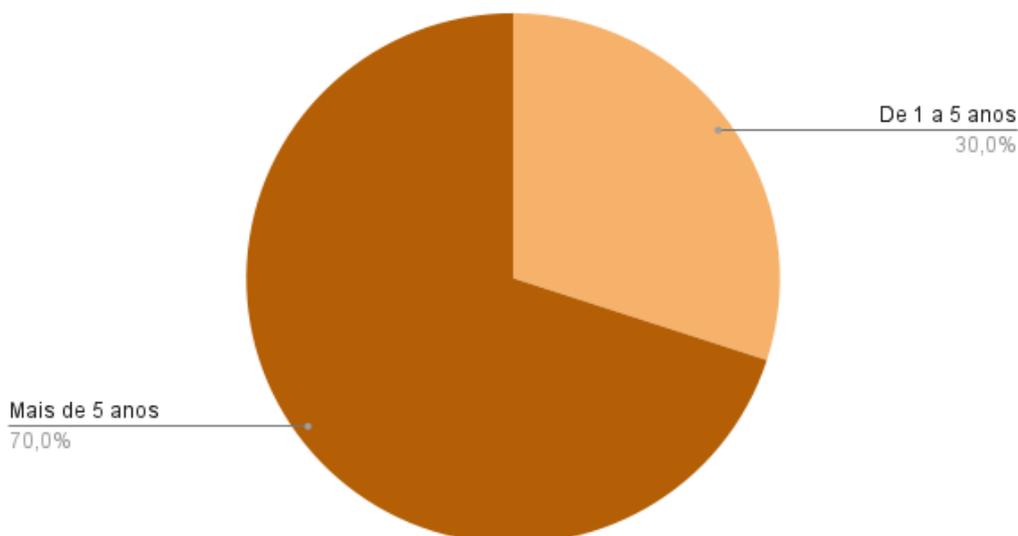
Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

Figura 8: Gráfico de Identidade Racial**Identidade Racial**

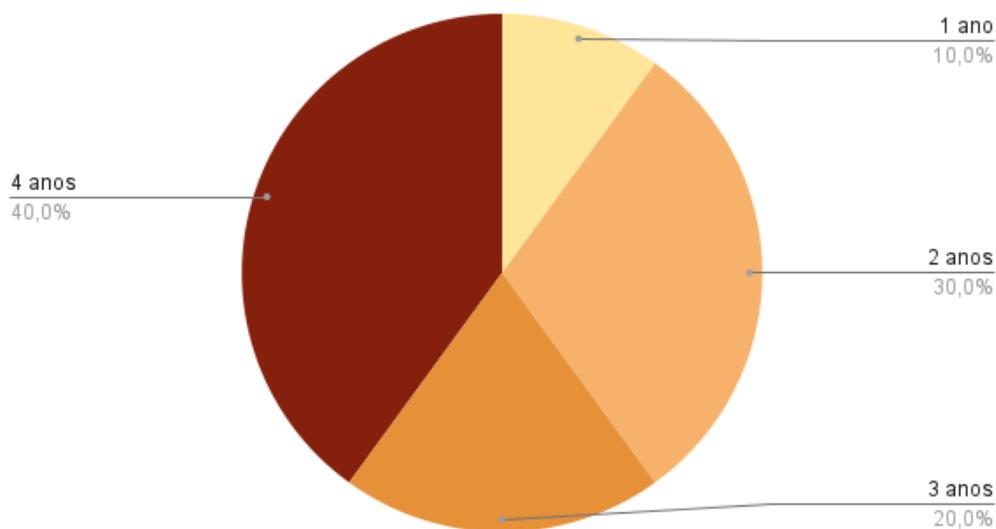
Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora

Figura 9: Gráfico de responsabilidade familiar**Responsável familiar**

Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora

Figura 10: Gráfico de tempo de moradia**Tempo de moradia no Loteamento Esperança**

Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

Figura 11: Gráfico do tempo de participação no coletivo de mulheres**Tempo de participação no grupo Mulheres Transformadoras**

Fonte: gráfico elaborado pela pesquisadora.

Os gráficos apresentados nos permitem identificar questões básicas e objetivas das mulheres que compõem o grupo.

A seguir apresento respectivos eixos que emergiram após uma análise mais

aprofundada das entrevistas semiestruturadas, bem como das observações e participação nas rodas de conversas do grupo investigado.

5.1 DOS ENCONTROS ENTRE MULHERES: IDENTIDADES E MEMÓRIAS

Desde a sua inauguração, no ano de 2013, o equipamento cultural vem se constituindo enquanto um importante espaço para a comunidade local. De diferentes formas, a comunidade tem atuado de modo a apropriar-se do espaço, seja participando de reuniões e ações, seja integrando o grupo gestor, ou simplesmente usufruindo, diariamente, das atividades que o local oferece.

Diante do exposto, neste excerto da entrevista realizada com a educadora social, é possível encontrar algumas respostas às inquietações que delinearão os objetivos desta pesquisa.

No recorte da entrevista realizada com a educadora Rosa, ela fala sobre a importância dos encontros:

Eu vi que elas tinham muitas histórias pra falar, precisavam ser ouvidas, tinham muitas dúvidas sobre tudo que era assunto, não sabiam direito dos seus direitos e as que sabiam, não tinham essa atitude de ir em busca, e às vezes nem sabiam onde ir, como fazer. Algumas delas mal sabiam ler e escrever, como que iam saber pedir um encaminhamento na saúde ou no fórum? Aí eu resolvi fazer em formato de rodas, pra gente poder se olhar, pra ter esse sentimento que a roda trás, lado a lado. Achei que era a melhor maneira de se reconhecerem fazendo parte do coletivo, poder ficar olhando uma pra outra enquanto falam suas histórias ou suas opiniões. (Rosa, educadora social).

Fica evidente que compreender as relações que se estabelecem entre as mulheres, que têm identidades individuais constituídas a partir de suas vivências se fez o *prióri* de cada umas delas, tornando os momentos coletivos importantes para a reflexão que envolvem os saberes e o exercício da cidadania, com o recorte de gênero naquela comunidade.

Neste outro trecho, Rosa salienta ainda mais sobre a importância dos encontros semanais, para o convívio entre elas, e as ressignificações, as forças que umas encontram nas outras, tornando esses momentos indutores de pertencimento e empoderamento feminino, no sentido de sentirem-se seguras e acolhidas, umas

pelas outras:

São muito importantes, acho que sem essa convivência, talvez nada seria diferente na vida delas, elas se empoderam, elas se fortalecem. Elas mesmo relatam que no final de semana ficam pensando em logo ser segunda, para estarem juntas. (Rosa, educadora social)

As memórias de grupos sociais possuem quadros de significação, com estratégias, simbologias, representações, experiências da vida cotidiana que criam temporalidades e espacialidades. Hall (2012), ao colocar a cultura no centro das discussões, argumenta sobre o quanto que ela é capaz de gerar pertencimento a membros de um mesmo grupo que compartilham sua significação, resultando em identidades, justamente enquanto uma forma simbólica, porque se “veem” como iguais, por compartilharem de uma mesma visão de mundo.

Neste movimento, é possível compreender sobre o quanto a formação e as atividades desse grupo de mulheres têm tido destaque dentre as demais propostas de projetos socioculturais executadas naquele espaço público. Com encontros sistemáticos, acompanhados e conduzidos, a partir do ano de 2018, o grupo *Mulheres Transformadoras* tem se fortalecido e tem sido referência nos debates sobre a organização comunitária de mulheres na periferia para toda a rede de proteção, para as próprias mulheres e para outros grupos de mulheres que se encontram nos bairros da cidade.

Os encontros buscam promover integração, valorização, conscientização, cuidado pessoal e participação comunitária, evidenciando o protagonismo das mulheres no que diz respeito ao convívio social, trocas culturais e a busca por políticas públicas que possam representar mudanças em suas vidas. Conforme esse outro excerto da entrevista com a educadora social, vemos que as buscas feitas por elas, ao participarem do grupo, vão ao encontro dos objetivos gerais propostos:

A segunda pra elas [parece ser especial], os nossos encontros são aquele momento de descontrair, de pensar que as coisas tem saída, que ali no grupo elas podem conversar, podem confiar. Elas têm um vínculo de confiança muito forte. Elas cantam, dançam, se divertem, porque é direito delas também. (Rosa, educadora social)

Pode-se dizer que o grupo *Mulheres Transformadoras* surgiu nesse território, pela observação das próprias mulheres em ter um espaço de convivência social e cultural, ao qual elas pudessem se sentir protegidas e acolhidas para conversar e compartilhar, neste território que está distante do centro da cidade que, por situações de vulnerabilidade e de violência, acaba sendo sensível a situações transformadoras da realidade vivenciada por seus moradores. Sabe-se que as relações entre pessoas e instituições têm o potencial de tornarem-se recursos protetivos para as próprias pessoas. Tais relações são chamadas de redes de apoio social. A existência do grupo, para muito além de ser uma fonte de conhecimento, de ofertar a possibilidade de iniciativas de geração de renda e subsistência daquelas mulheres e suas famílias, é uma forma de fortalecer essa rede de apoio social.

Indo ao encontro do que nos traz Stuart Hall (2003), entrelaçado com o que foi observado e escutado nas rodas de conversa ou nas entrevistas com as mulheres, Girassol, 38 anos, faz uma importante reflexão:

Eu acho que esses encontros é pra melhorar a vida da gente, é pra gente perceber como cada uma está se sentindo, se tá feliz ou triste, e daí a gente vai pra casa, diferente, pensando e pensando... que a gente não está sozinha, faz a gente ter outras atitudes. Tem outras mulheres aí da comunidade que deveriam se chegar, porque quando elas vierem, já no primeiro encontro vão ver que é legal, acolhedor, ajuda no psicológico, deixa a cabeça mais leve. (Girassol).

Na entrevista realizada com Jasmin, 42 anos, ela também verbaliza da importância de conviver com outras mulheres, e que expressa na sua fala:

Que outras mulheres aqui do bairro precisavam ter coragem, achar tempo pra vir aqui, participar dos encontros. Acho que elas iam entender melhor o que estão vivendo em casa sabe? Porque se a gente tá vendo, que é vizinha, tá de fora vendo, elas também iam ver que não merecem viver aquele tipo de vida ali. Que tem esses grupos de mulheres para gente se fortalecer, aprender os direitos, conversar, “botar pra fora” as coisas ruins pra ter ajuda. A vida pra gente, que é mulher pobre e tem que dar conta de tudo na casa, com os filhos, é muito difícil... parece que ninguém vê a gente, tipo que somos invisíveis. Daí, pra gente ter força pra viver e pra ter direito de alguma coisa, tem que se unir com outras mulheres. (Jasmin).

Para Hall (2003), as identidades culturais se formam tendo uma base concreta justamente nas representações, compartilhadas por um determinado grupo social, às quais, de uma forma mais ampla, se relacionam à centralidade da cultura, a partir da subjetividade, da própria identidade que vai sendo construída e da pessoa enquanto ator social.

5.2 POLÍTICAS PÚBLICAS E OS DIREITOS DAS MULHERES

Um dos direitos das mulheres, na minha opinião, é ter tua fala, como se diz mesmo? Ter sua voz respeitada, sabe? Aqui no grupo, em casa, em qualquer lugar. A gente tem o direito de falar, de ser escutada. Mas isso é difícil, parece que temos que gritar, muitas vezes. Parece que estamos gritando mudas... as pessoas não escutam, pode até ser que nos enxerguem, mas escutar mesmo, isso é que é difícil, daí parece que tu nem existe. Mas eu sei que é nosso direito. (Amor-perfeito)

Quando pergunto para Amor-perfeito, 46 anos, sobre o direito das mulheres, ela expressa sua opinião, sem demora, sem mesmo pensar muito antes de responder, sobre o direito de ter voz, de ser ouvida. Assim como Djamila Ribeiro (2021), ao abordar sobre a existência digna e direito à voz, estamos falando de lócus social. A autora argumenta que pensar em lugar de fala é romper com o silêncio, instituído para quem é subalternizado. E na fala de Amor-perfeito [...] *mas isso é difícil, parece que temos que gritar, muitas vezes [...]*, podemos perceber o quanto, para ela, é difícil romper esse silêncio que muitas mulheres vivem, tanto na própria casa, quanto nos grupos que convivem.

Para falar às mulheres, algumas vezes, são convidadas outras pessoas, com formação e especialização em determinados assuntos para fazer parte das rodas de conversas, esclarecendo, de forma mais pontual, sobre as dúvidas das mulheres em relação ao tema abordado, oportunizando novos conhecimentos. Como resultados positivos desses encontros orientados, a educadora Rosa considera que:

O que eu observei nesse tempo de grupo, que as mulheres convivem, é que elas estão mais esclarecidas e empoderadas, sabe? Elas estão vendo a vida de outro lugar, elas estão com mais força. Nos encontros, a gente fala de políticas públicas, dos direitos das mulheres e onde procurar ajuda, auxílio. Mas a gente também fez palestras com essa rede. Aqui na cidade tem uma rede, chamada Rede Lilás, que é todos os serviços que protegem as mulheres, todas as secretarias, Patrulha Maria da Penha, Delegacia da Mulher, Saúde da Mulher, enfim, muitos serviços. E seguidamente a gente faz essa parceria, das agentes públicas irem nos nossos encontros, pra falar, pra alertar das leis, pra esclarecer dúvidas das mulheres. (Rosa, educadora social)

Foi numa oportunidade como essas que estive reunida com o grupo, em setembro de 2021, para falar sobre a importância dos encontros comunitários entre mulheres, trazendo à luz das discussões o valor de convivemos em comunidade, tendo a oportunidade de falar, umas para as outras, sobre as experiências de vida, abordando a superação de dificuldades, e o quanto essa rede de apoio comunitária é valiosa e potencializa essas superações, aprendizagens e identidade cultural coletiva.

É Candau (2012) quem nos auxilia na compreensão sobre questões ligadas à memória coletiva que me parece vir ao encontro dos momentos vivenciados no grupo.

A memória coletiva, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa inserir nova vida em uma tradição comum. O ato narrativo, na medida em que é possível sua elaboração e apropriação, constrói um sentimento de identidade coletiva do grupo e um sentimento de pertencimento dos indivíduos. (CANDAU, 2012, p.23).

Neste dia, falamos sobre a nossa constituição enquanto sujeitas, humanas, que necessitam das convivências comunitárias, de todas as formas possíveis, desde a família, grupos na comunidade, com pessoas que constituem aquela comunidade da qual fazemos parte, desde a tenra infância até a velhice, pois são nas interações que nos constituímos de forma mais integral, vivenciando nossa cidadania nas interações, observando como o outro vive, agindo e reagindo diante dos fatos da vida, ressignificando, assim, nossas próprias experiências humanas.

Quando a gente propõe um trabalho desses, para essas mulheres da periferia, é abrir portas, é dar a chance de enxergarem o mundo e de um jeito diferente que elas viam antes, abrindo um leque de muitas opções de experiências, que talvez nunca tenham tido, porque não tinham informações, não se achavam pessoas de direitos. Porque elas têm direitos sim e isso precisa chegar nessas vilas pobres, pras pessoas humildes. Sei que elas mudaram de vida, que elas têm outras visões a partir do que a gente propõe para as rodas de conversa. (Rosa, Educadora Social)

Estando a cultura como central, em relação às vivências de grupos pertencentes àquela comunidade, poderemos reconhecê-las como comunidades identitárias, conforme Stuart Hall (2012), pois assim teremos dinamizada a geração de significações, representações e identidade no grupo em questão.

5.4 DIÁLOGOS POTENTES DE (RE)SIGNIFICAÇÃO

No encontro, realizado em dezembro de 2022, a proposta foi organizada no formato de uma roda de conversa, seguindo a mesma forma de organização da proposta da educadora social.

No chão da sala, a educadora social estendeu uma toalha redonda, com alguns objetos que serviriam como disparadores para reflexões e debates. Havia os elementos da natureza- terra, água, fogo e ar- representados por objetos que os referendaram; pequenos cartazes que traziam palavras para descrever cada elemento da natureza, um cesto com bonecas de pano, alguns tecidos previamente recortados, pretos e coloridos, os crachás com o nome das participantes e um objeto, chamado por elas de *objeto da palavra*²⁰.

A atividade contou com a apresentação de cada uma, dizendo o nome e o que estava sentindo naquele dia. Cada uma que falava, ia passando o *objeto da palavra* para a próxima e assim sucessivamente, até que todas falaram. Essa organização já era combinada com elas, de outros encontros que faziam com a educadora social. Logo após, sugeri que todas as mulheres se sentassem de uma forma muito confortável, estendendo os braços e apoiando as mãos sobre as pernas, fechassem os olhos, permanecessem em silêncio e iniciássemos um

²⁰ Uma espécie de bastão colorido, que serve para organizar a vez de falar de cada participante durante a atividade dirigida.

exercício de respiração para incentivar um relaxamento corporal e mental e para que fossem se conectando as próximas propostas. Todas elas aceitaram participar do momento proposto.

Logo após, foram convidadas a caminhar, ainda mantendo o silêncio, ao redor da toalha no chão, observando atentamente todos os objetos que estavam ali, o que eles remeteram a cada uma, quais lembranças podiam ter, quais sentimentos despertava.

A proposta seguinte era que cada mulher, de forma espontânea pudesse comentar o que mais lhe chamou atenção, o que lhe trouxe alguma referência ou lembrança de algo vivido.

Todas participaram, citando algum elemento da natureza, que naquele momento estava fazendo maior sentido. Margarida, 66 anos, falou que [...] *o fogo remete a força, luz, energia, eu acredito nessa luz para viver a vida e superar as dificuldades, a gente tem que acreditar, para poder mudar as coisas, para melhorar as tristezas.*

Tulipa, 61 anos, comentou sobre a água, a limpeza, purificação, saúde que o elemento traz para o mundo e para a vida das pessoas, acrescentou:

[...] sem a água nada fica vivo na terra nem mesmo os humanos que são inteligentes para inventar tantas coisas. Mas nós não cuidamos da natureza, precisamos pensar e agir, falar com a família e os vizinhos para pouparem a água. Aqui na comunidade tem isso, tem muitos catadores, e daí colocam lixo nos cantos, ou nesses terrenos vazios... só que isso deixa todos os bueiros entupidos né?! E vai pro rio, pra estragar a água que a gente precisa pra viver. Eu falo com o pessoal aqui, explico, eu tento. A gente tem direito de ter moradia digna, um loteamento limpo e bonito. (Tulipa)

Lírio, 74 anos, trouxe para o grupo a reflexão sobre a terra, que *nos traz certeza, pés no chão, que é de onde as pessoas tiram os alimentos para sobreviver.* Contou sobre sua infância, que foi criada com seus 6 irmãos “na roça” e que desde cedo todos aprendiam a plantar e colher. Seus pais sustentavam a família com os produtos que cultivavam na terra.

A partir dos relatos e das histórias e memórias, Orquídea, 47 anos, conclui:

Com a participação de todas as mulheres aqui, dando suas contribuições, dizendo suas opiniões que a natureza é muito importante para nós, que é pra todas esses benefícios que ela nos traz, que temos a vida e que um elemento precisa do outro para se complementar assim como nós, seres humanos, que também precisamos umas das outras para viver bem na comunidade. Porque se a gente está com algum problema, talvez aquela parceira de grupo vai poder te dizer uma palavra, que vai te botar pra cima, que vai te dar coragem. Por essas coisas, essa chance que a gente tem de participar aqui do grupo, é que a gente vai entender melhor as coisas, vai sabendo que tem outras mulheres que vão te dar apoio. (Orquídea)

Com essa reflexão somada a outras, ficou evidente o quanto essa organização do grupo para conversar era significativa para que aquelas mulheres se reconhecessem enquanto pessoas, cidadãs de direitos e humanas que compõem grupos.

A educadora social me convidou para nesta ocasião, colaborar com a roda, propondo alguma dinâmica ou atividade para falar da identidade de cada uma delas. Propus, então, uma atividade que pudesse provocá-las a protagonizar, que tivessem a oportunidade de manusear alguns materiais, que oportunizasse uma reflexão sobre si.

Dou início à atividade apresentando um cesto com uma grande diversidade de bonecas de pano, de várias cores, diferentes tamanhos, cabelos, rostos, para representar as mulheres da comunidade, elas mesmas, suas familiares e amigas. Falamos das diferenças entre elas, não somente física, mas especialmente das diferenças de opiniões, entendimentos e impressões sobre as coisas, sobre o mundo, de como reagem diferente diante das mesmas situações que as atravessam no cotidiano. Concluíram que essas vivências as constituíram ao longo da vida, que foram construindo suas memórias, significando e ressignificando suas histórias, tanto as suas, quanto as da própria comunidade, pois ao fazerem parte daquela organização social, seriam responsáveis pelas construções comunitárias em todos os aspectos.

Logo após, propus que cada uma escolhesse tecidos para que pudéssemos fazer bonecas de pano com os retalhos disponíveis, como lembrança do encontro, mas que também fosse um momento de conversar em duplas ou trios, para que cada uma pudesse falar de si para as outras. Elas conversaram livremente enquanto produziam suas bonecas.

[...] o que somos ou, melhor ainda, o sentido de quem somos, depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos. Em particular, das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal. Por outro lado, essas histórias estão construídas em relação às histórias que escutamos, que lemos e que, de alguma maneira, nos dizem respeito na medida em que estamos compelidos a produzir nossa história em relação a elas. Por último, essas histórias pessoais que nos constituem estão produzidas e mediadas no interior de práticas sociais mais ou menos institucionalizadas. (LARROSA, 1994, p.47).

Nesses encontros muitas histórias puderam ser contadas, de umas para as outras, sobre suas lembranças da infância, dos familiares e como se organizavam como grupo, ensinamentos dos pais, a rigidez das épocas que algumas viveram, sobre a educação das crianças, das dificuldades por não terem dinheiro e por isso não terem acesso a muitas coisas, desde alimentação, saúde, moradia. Deram-se conta que a maioria dos brinquedos era feito pelas próprias crianças com a ajuda das mães ou outros familiares, ou mesmo umas crianças ensinavam para as outras, que podiam ser mais livres para brincar na rua, e isso facilitava a convivência e as aprendizagens populares, que passam de geração para geração, ou entre as pessoas de diferentes famílias.

No momento de troca de experiências no grande grupo, as mulheres narraram suas histórias, riam alegremente ou expressavam tristeza e saudade ao relembrar suas infâncias e famílias. A senhora Violeta, 55 anos, se manifestou dizendo: “nunca tive uma boneca que fosse só minha, por isso vou guardar a boneca com muito zelo, como uma lembrança de um encontro, ainda mais esse que foi tão precioso, que eu pude falar e ser escutada, que outras mulheres me entenderam. E isso tem muito valor né?!”

Quando encerramos a atividade de roda, as mulheres pediram para que fizéssemos um registro em foto, para recordação daquele momento que significou tanto para elas. Assim encerramos o encontro, com a combinação de nos reencontrarmos em outros momentos.

Figura 12 : Foto Roda de Conversa do Grupo *Mulheres Transformadoras*



Fonte: Acervo da pesquisadora (2022).

5.5 AS CONQUISTAS PARA A CIDADANIA

Como havia sido combinado no encontro anterior, o convite para termos um novo encontro foi feito pelas próprias mulheres. Considerei que era importante retornar desta vez com uma proposta mais voltada para o debate sobre políticas públicas e direitos das mulheres, com o objetivo de responder às minhas inquietações.

No encontro, que aconteceu em março de 2023, levei como proposta uma dinâmica, cujo material principal era um espelho. Mas aproveitei também para levar as cartilhas sobre os direitos das mulheres e canais de denúncias para violências,

organizados e distribuídos pela Rede de Laços Lilás²¹ do município.

Sentamos em roda, falamos sobre os direitos das mulheres, o que elas compreendiam sobre esse tema, sobre o feminismo e o machismo, sobre as dificuldades que as mulheres enfrentam no dia a dia. As mulheres que se sentiram à vontade, compartilharam suas experiências e vivências. Conversamos sobre falas e gestos machistas, que muitas vezes vivenciamos no cotidiano e não nos damos conta. Que as mudanças nesses comportamentos devem ser incentivadas e pontuadas pelas próprias mulheres, que não devem aceitar “coisas que a gente vivia antes, nos tempos que só os homens podiam falar e que queriam obrigar a gente a aceitar”, como falou a Tulipa, 70 anos. Essa fala, motivou grande debate, elencando diversas situações vivenciadas por elas, algumas superadas e outras ainda não. Percebi que algumas somente escutavam atentamente e outras traziam seus relatos, para colaborar com as reflexões do momento.

A Vitória Régia, 75 anos, contou que foi “criada de uma maneira muito dura, muito machista pelos pais, que aprendeu que as mulheres tinham que casar e obedecer os maridos, ter filhos e cuidar da casa, limpar, cozinhar, essas coisas de mulher”. Mas que com a participação nos encontros, vendo na televisão as campanhas contra a violência e a divulgação das leis que protegem as mulheres, foi percebendo que não concordava com o que aprendeu e continuou relatando:

[...] daí eu me alertei né?! Porque aquilo que tinha aprendido não era tão certo assim, acho que meus pais não tinham culpa... eles eram de outros tempos. Deus o livre a gente falar um ai pro pai, já dava de ripa. A mãe coitada, era um monte de filhos né, tinha que fazer tudo sozinha, também não teve ninguém para dizer essas coisas pra ela, acho que nem tinha essas coisas, leis pras mulheres que tem agora. Olha muierada, eu fiquei muito tempo sendo agredida pelo meu marido, quieta, tapando o sol com a peneira. Mas quando meus filhos e filhas foram crescendo também, foram aprendendo essas coisas aí, dos direitos das mulheres, ficavam me dizendo que eu não devia mais aceitar viver assim. Que eu não podia ficar nessa humilhação, nessa vida triste. Levei muito tempo pra ficar corajosa, pra me separar do meu marido. Mas consegui vencer e saí de casa. Eu tive que sair. Peguei meus filhos e fugi pra cá, pra esse bairro, bem longe da minha cidade. Eu nem podia visitar ninguém, pra ele não me achar. Eu fui trabalhar, fazer faxinas pra poder vencer. Depois até voltei a estudar, sabe?! Mas isso tudo aí, eu tive o apoio dos meus filhos né, porque antes, quando eram crianças, eles não entendiam direito e eu

²¹ Rede Lilás é uma organização entre poder legislativo, poder executivo, órgãos de proteção à mulher, polícia militar e civil e sociedade organizada, que encontra-se mensalmente para discutir e implementar ações de conscientização contra violências no município.

não tinha ninguém para me apoiar. Nem sabia como resolver nada. Agora eu vivo bem, vivo feliz, faço minhas próprias vontades. Foi bom eu ter essas palavras de alguém. Agora eu falo pras outras mulheres, amigas e vizinhas, pros grupos que eu convivo. Os tempos são mudados pra gente. A Mulher é gente, isso que digo de ser gente, é de ter leis, de ter liberdade, de não ficar querendo carregar um casamento por causa do que os outros vão dizer, sabe?! (Vitória Régia)

Analisando as falas das mulheres durante essa roda de conversa e a dinâmica que desacomodou cada uma delas a refletir sobre sua própria cidadania, nota-se que estão se dando conta das conquistas que tiveram em suas vidas, que reflete diretamente nos seus novos conceitos e significações de *ser mulher cidadã*. Também cabe observar que são conquistas muito significativas para elas, diante dos relatos que trouxeram, da forma que foram criadas em suas famílias e também do que a própria sociedade regulamentava, sobre o “comportamento ideal” que as mulheres deveriam ter, de submissão e aceitação nos relacionamentos abusivos que viviam.

5.6 A LIDERANÇA DAS MULHERES E OS NOVOS CAMINHOS NA COMUNIDADE

Devemos ter coragem de aprender com o passado e trabalhar por um futuro em que os princípios feministas serão o suporte para todos os aspectos de nossa vida pública e privada. As políticas feministas têm por objetivo acabar com a dominação e nos libertar para que sejamos quem somos- para viver a vida em um lugar onde amamos a justiça, onde podemos viver em paz. O feminismo é para todo mundo. (Hooks, 2022, p. 167).

Nesse eixo, fica evidente o protagonismo e as conquistas que as mulheres têm na comunidade onde vivem. Elas são lideranças importantes, que se movimentam na direção dos feminismos, muitas vezes sem ao menos saber, explicitamente, o que os feminismos significam, literalmente. Isso ainda pode parecer difícil de compreenderem, pois foram criadas com valores diferentes, de outros tempos, mas o que importa mesmo, é que se empoderaram de tal forma a modificar sua comunidade vislumbrando novos caminhos. Movimentam o espaço público, com muita coragem como mulheres livres, como traz Bell Hooks no excerto acima.

Estas conquistas estão relatadas em subseções, devido sua importância para essas mulheres, para o coletivo e para a comunidade.

a) **Coletivo de mulheres, biblioteca comunitária: por um lugar de direitos e acolhimento**²²

Na Praça CEU, tem uma Biblioteca Comunitária, que por algum tempo ficou desativada, pois no tempo em que vivemos a pandemia, não havia como atender a comunidade, devido ao isolamento físico recomendado pelos órgãos de saúde competentes. Mas, após passar esse período mais crítico, apareceram outras dificuldades para reativar o espaço, como a contratação de servidores para organizar os livros, o ambiente e atender a comunidade e também pela falta de acervo mais atualizado, que pudesse atender as demandas trazidas.

Porém, a expectativa para a reabertura da biblioteca comunitária, dentro da comunidade, estava movimentando os grupos comunitários mais organizados. Tais expectativas foram oriundas da compreensão do grupo *Mulheres Transformadoras*, da necessidade de oportunizar leituras e conhecimentos através da oferta de títulos sobre diversos temas disponibilizados e expostos de maneira intuitiva e acessível para quem procura, entendendo assim, que a relação de interesse pelos livros deveria estar liberta das formalidades de uma biblioteca convencional e mantendo-se com aspectos mais fáceis para a comunidade acessar, na reabertura do espaço.

Nesse sentido, esse tipo de oferta deveria romper com os padrões convencionais de recepção e atendimento, exposição dos livros, formato de busca e rigidez no tempo de retirada e devolução. A oferta de livros como integrante de ações culturais, além de potencializar os espaços comunitários, constituem-se como importantes instrumentos de pesquisa. Demais projetos socioculturais se aproximaram para dialogar, de forma transversal com conhecimentos adquiridos na biblioteca, com vistas ao engajamento dos usuários das oficinas e projetos sociais, por exemplo, reunindo suas famílias e demais pessoas da comunidade. O grupo de mulheres, acompanhados na pesquisa, defenderam uma biblioteca como espaço diferenciado para o acolhimento das diferentes necessidades subjetivas, para

²²Esse fragmento da dissertação foi apresentado no evento científico da Mostra Observa Campos. Meu Corpo é Terra-Território!, no GT 1 - Movimentos Sociais, Lutas, Conflitos e Participação Política, inscrito no número 543541, Data de Submissão: 05/09/2022

criação de momentos reflexivos, além de ser, obviamente, local de acolhimento, conversa boa, que leve em conta as experiências e vivências que cada um traz.

Com base em Morin (2003) e Freire (2000), sustenta-se que as aprendizagens adquiridas ao longo da vida devem ser valorizadas, reconhecidas e divididas. Acredita-se que todos sejam leitores prontos para a descoberta do seu potencial e que a biblioteca possa ser um ambiente pensado para socialização, inclusão, pluralidade, respeito às diferenças e estímulo para a cidadania.

Os relatos registrados no bloco de notas da ida a campo, me fez entender que o caminho e as incertezas experienciadas, durante a construção coletiva sobre a representatividade desse tipo de biblioteca não apenas potencializaram momentos de aprendizagem, mas permitiram o fortalecimento de práticas sociais que valorizam o protagonismo de cada indivíduo de acordo com sua criatividade, senso crítico e subjetividades, entrelaçando ética, cidadania e saberes diversos. Em algumas circunstâncias, os relatos mencionam as dificuldades e as limitações. Tais narrativas nos ensinam ainda mais sobre solidariedade e sobre aceitar que o resultado alcançado seja entendido como o melhor que tenha sido conseguido no momento, e que o mesmo poderá ser aprimorado, revisto, reformulado muitas vezes ao longo dos anos.

Conforme as observações do grupo analisado, percebe-se que o trabalho com as pessoas das comunidades é tão desafiador quanto gratificante. Segundo informações coletadas com a responsável pela Biblioteca Comunitária, todas as pessoas que adentraram no espaço para procurar algo, seja livros, seja conversa, seja silêncio, seja afeto, passaram a ser frequentadores assíduos do espaço, que segue, não somente com a proposta de acolhimento, mas também com a aproximação de todos ao mundo das palavras e dos direitos para o exercício da cidadania.

Figura 13 : foto de roda de conversa, na Biblioteca Comunitária da CEU.



Fonte: Acervo da pesquisadora.

b) **Pão solidário: o resgate da culinária familiar como ponto principal para geração de renda**²³

Figura 14 : imagem do logo criado para o projeto Pão solidário, do Grupo *Mulheres Transformadoras*



Fonte: acervo da pesquisadora, fornecido pela Secretaria da Cultura.

Potencializar a construção de projetos de vida está no objetivo geral da constituição do Grupo *Mulheres Transformadoras*. E, um dos aprendizados que essas mulheres tiveram durante o ano de 2019 e 2020, foi a arte de fazer pães e outras receitas de culinária, resgatando os ensinamentos de outras mulheres de

²³ Esse fragmento da dissertação foi apresentado no evento II Jornada de Ensino, Pesquisa e Extensão (JEPE UERGS), SESSÃO 3, DATA: 12/05/2022.

suas famílias. Deste fazer, muitas ideias e iniciativas surgiram e a concepção do Pão Solidário²⁴ consolidou-se pela iniciativa e mobilização das integrantes do Grupo junto à Secretaria da Cultura.

O conhecimento e a habilidade para produzir pães, bolos e outras receitas foi adquirida por meio de parcerias que ofereceram oficinas de culinária, de boas práticas na cozinha, de organização financeira e empreendedorismo. Hoje, providas de novos conhecimentos, o Grupo *Mulheres Transformadoras* prepara-se para dar este novo passo, com o objetivo de geração de renda, subsistência e de multiplicação de conhecimento. E, o grande motivador dessas mulheres, além da geração de renda, é a iniciativa de multiplicar conhecimentos e talentos, sendo elas as multiplicadoras que ensinarão outras mulheres da comunidade a produzirem seu próprio pão. Cada nova participante dos encontros específicos para a produção de pães levará para casa o seu pão, com a intenção de alimentar suas famílias que vivem em situação de vulnerabilidade social.

Uma sala na Praça CEU foi adaptada para ter condições de receber a oficina e a produção dos alimentos. A proposta é que estas oficinas pudessem sustentar-se por meio da venda dos produtos que forem fabricados para este fim, gerando recursos para a aquisição da matéria-prima necessária às novas fornadas. Essas mulheres, que receberam o conhecimento para iniciar a sua produção, irão, além de gerar a sua subsistência, proporcionar que outras mulheres, assim como elas, tenham a oportunidade de aprender e produzir suas receitas, com o objetivo de ser fonte de renda familiar.

²⁴Link para acessar o vídeo sobre o Projeto Pão Solidário. [Mulheres Transformadoras-Projeto Pão Solidário](#).

Figura 15: Foto do grupo de mulheres no projeto pão solidário



Fonte: acervo da pesquisadora

Figura 16: Foto do grupo de mulheres no projeto pão solidário



Fonte: acervo da pesquisadora.

Dessa forma, o Pão Solidário consolidou-se enquanto um importante projeto na Praça CEU e que, por isso, tem demandado a mobilização para conquistar os recursos e parceiros necessários para a manutenção e ampliação das possibilidades de grupo, podendo atender mais meninas e mulheres.

Para um futuro próximo, a meta é disponibilizar uma cozinha específica para a ampliação de oficinas e da própria produção, fortalecendo e validando assim a

iniciativa dessas mulheres e a reprodução da proposta do Pão Solidário, empoderando as mulheres para o empreendedorismo e garantindo que possam ter um meio de sustentar suas famílias, que na maioria, elas mesmas são as provedoras do sustento. Assim, com a proposta de ter um espaço e um projeto ainda mais potente, com a finalidade de geração de renda de forma coletiva, dentro da comunidade que vivem, é também uma proposta real de valorização e garantia de direitos para as mulheres e suas famílias.

6 PRODUTO EDUCACIONAL

O estudo foi desenvolvido no curso de Mestrado profissional em Educação, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, integrando a linha IV Educação, Culturas, Linguagens e Práticas Sociais. Em se tratando de um Mestrado Profissional em Educação, em conformidade com o Regimento Interno do Programa de Pós-Graduação em Educação ([2017], n.p.), que aponta para a capacitação de profissionais com vistas “ao desenvolvimento, criação e produção de práticas inovadoras que impactem nos campos do currículo, políticas educacionais, artes, linguagens, tecnologias, memória e diversidade”, espera-se ao final do percurso investigativo, a proposição do produto educacional a ser aplicado e que venha a contribuir com a Educação. Na modalidade do Mestrado Profissional, diferentemente da modalidade Acadêmica, os discentes precisam desenvolver um Produto/Processo Educacional (PE) que necessita ser aplicado em um contexto real, podendo ter diferentes formatos. Assim, o produto que proponho, encontra-se ligado diretamente ao desejo de estruturar algo que marque o trabalho desenvolvido e que, possa, na medida do possível, instigar leitores, estudantes e pesquisadores a serem protagonistas das mudanças na sociedade, especialmente quando se trata de um tema que nos é tão caro, como o das mulheres. Ou seja, contribuir, de alguma forma, para que as mulheres tenham equidade de direitos e que suas vozes, identidades e culturas sejam reconhecidas e respeitadas, não somente perante a lei, mas no seu cotidiano.

Nas ideias iniciais para a sistematização do produto a ser elaborado, busquei a compreensão da importância de atentar para as experiências formadoras e inovadoras que acontecem na comunidade escolhida. Experiências essas que fazem com que essas mulheres possam ser protagonistas. O estudo identificou diversas atividades e ações que demonstram, claramente, tais situações. A própria Dissertação, assim que aprovada e disponibilizada para publicação, já será um produto a dar visibilidade às atividades exercidas e construídas coletivamente de um grupo de mulheres.

Com todas as riquezas dos achados da pesquisa e das tantas provocações por investigar ainda mais sobre a temática, acredito que um dos resultados do percurso trilhado neste trabalho é, sem dúvida, que os relatos das entrevistas, possam tornar-se um livro e/ou algum recurso literário, didático, capaz de contribuir com os estudos intencionados por outros pesquisadores que têm o interesse de

aprofundar nos temas apresentados. Penso que essa pesquisa estimulará novas investigações ou poderá servir de apoio para uma continuidade desta ou de outras escritas. Assim sendo, despertou-me o desejo de pensar além, pensar numa costura entre arte, cultura, vivências do grupo de mulheres, que pudesse movimentar, desacomodar a comunidade do território. Foi a partir disso que decidi inovar, entrelaçando os vários atores participantes desse estudo, atuantes nesse processo.

Por entender cada vez mais a necessidade de aproximação entre academia e comunidade – na construção de conhecimentos para a elaboração dessa Dissertação, entre as mulheres, que constituem aquela comunidade, e a pesquisadora que, naquele momento representava a academia (algo até então estranho à elas), foi que pensei em algo capaz de devolver à comunidade, a produção dos caminhos trilhados, dos achados resultantes dos processos investigativos, dos quais a própria comunidade, em especial o grupo de mulheres fez parte. Minha maior preocupação foi pensar numa devolutiva que fosse ao encontro das vivências comunitárias, que “falasse a linguagem delas e deles”. Pois, afinal

[...] a cultura é agora o meio partilhado necessário, o sangue vital, ou talvez, antes, a atmosfera partilhada mínima, apenas no interior da qual os membros de uma sociedade podem respirar e sobreviver e produzir. Para uma dada sociedade, ela tem que ser uma atmosfera na qual podem todos respirar, falar e produzir; ela tem que ser, assim, a *mesma* cultura” (HALL, 1983, p.37-38).

Desta maneira, observando que as mulheres se relacionam e se organizam pela sua oralidade, tanto nas rodas de conversas direcionadas, quanto no dia a dia, entre si e com outras pessoas da comunidade, a pretensão foi provocá-las a fazer um movimento de criação de mostra sociocultural, com apresentações artísticas, apresentação de trabalhos, rodas de conversa entre as mulheres do grupo *Mulheres Transformadoras* e as pessoas que fazem parte da comunidade, enfim, todas as formas que representassem as construções coletivas que aconteciam nos encontros e naquele lugar, para que toda a comunidade pudesse voltar seus olhares e compreensões para as pautas e lutas das mulheres, por uma sociedade mais justa, fraterna e com equidade de direitos. E foi assim que nasceu o produto dessa Dissertação – *Evento Mostra de Talentos*. A seguir passo a descrever o modo como o produto iniciou sua circulação.

6.1 PRODUTO: MOSTRA DE TALENTOS DA CEU

Figura 17: foto Mostra de Talentos da CEU



Fonte: acervo da pesquisadora.

A Mostra de Talentos da Praça CEU, como foi batizada pela própria comunidade, foi um momento muito significativo, que movimentou e desacomodou todos os grupos de convívio que se encontram nas oficinas e projetos que acontecem no espaço, mobilizados pela pesquisadora e pelo grupo de *Mulheres Transformadoras*.

Falando várias vezes, escutando a própria voz repetindo essas palavras que nominaram o evento e cada vez que repetia era um turbilhão de lembranças e pensamentos, que nem mesmo é possível dar conta de organizar, num primeiro momento, pois eles se misturaram com tantas emoções que sentimos no dia a dia, tanto da pesquisa, quanto das atividades cotidianas junto ao grupo.

Para escrever sobre esse dia e todos os dias que antecederam o evento, fiquei tempos refletindo, lembrando, revisitando álbuns de fotos e vídeos para rever, inúmeras vezes, todas as apresentações que aquela comunidade preparou. E nesta afirmação, *apresentações que aquela comunidade fez*, cabe um mundo de vivências, um infinito de trocas e debates, de modos de viver, de sentidos que eles dão as suas vidas, sobre seus sentimentos mais profundos de esperança. Cabe um infinito de culturas! Cabe um respeito enorme de quem ficou como observadora,

vendo aquelas pessoas protagonizando tantos momentos entre eles, que iam significando tanto para suas construções e (re)significações de ideias, opiniões e pensamentos.

Foi uma responsabilidade compartilhada com entusiasmo por parte de toda equipe, que no momento da reunião quando lancei o convite aos meus pares, professores, oficinairos e coordenadores de projetos socioculturais que acontecem no espaço, nem eu mesma dimensionava a importância que aquele momento representaria na vida daquelas pessoas da comunidade. A proposta do produto foi lançada para que pudéssemos dar o devido valor aos tantos talentos que temos na comunidade, mas principalmente, dizer a eles e elas, de alguma maneira, que a participação de cada um poderia fortalecer os coletivos, e juntos teriam força e voz, para ecoar suas ideias, suas opiniões, tudo aquilo que os projetos representavam na vida de cada um e uma. Além de trazer os pontos levantados pela pesquisa. Tudo isso iria ser sintetizado e materializado em uma noite muito especial, no palco do Teatro Municipal da cidade. Para isso, muitas organizações prévias tiveram que ser providenciadas, tais como: a reserva do local, a contratação de ônibus que pudesse levar os grupos de artistas, familiares e comunidade que desejassem ir até lá, prestigiar as apresentações.

Lançamos a proposta para todos os grupos em setembro de 2022, dando o prazo para que todos se organizassem até início de dezembro. Foram três meses de muita dedicação e empenho de todas e todos que participam dos projetos, ninguém mais faltava aos encontros, só por motivos muito graves mesmo. Eram muitas coisas para organizar: pensar na apresentação que melhor representaria cada grupo, no cenário, nos figurinos, nas músicas, na poesia, nos adereços. Será que era melhor cantar a capela ou usar uma gravação? Será que saberiam se posicionar no palco, afinal era um lugar novo e desconhecido para a grande maioria... Quem do grupo era bom em decorar falas, de ser o “ator principal” que pudesse sustentar os demais? Para que lado estava o Teatro Municipal da cidade? Será que as famílias e amigos iriam lá, no dia, para ver aquelas ações sociais?

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentidos. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular a sua conduta em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas “culturas”. Contribuem para assegurar que toda ação social é “cultural”, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p. 31).

Conforme o excerto do texto trazido por Hall, refletindo sobre os primeiros movimentos vivenciados pelos integrantes dos projetos socioculturais, no que diz respeito a organização da Mostra de Talentos, pode-se observar que a ação social é extremamente relevante para os seres humanos, pois perpassa pelas experiências de cada um e as trocas que se dão, constituindo nossas culturas a partir dos que praticam e dos que observam, dando significado as a tais práticas.

Desta maneira, se deu o protagonismo e a construção das ideias de expressão de cada grupo de pessoas para decidir e construir sua apresentação. Há de se observar que eram vários grupos diferentes, organizados por faixa etária próxima, exceto o grupo de mulheres, que era composto por diversas idades (de 15 a 70 ou 80 anos). Ficou definido entre todos, que o ideal era comunicar através das diversas manifestações artísticas como dança, teatro, música e poesia. Orientados pelos professores ouicineiros dos projetos, a cada semana os grupos se organizavam mais, escolhendo a melhor forma e dando “a cara” de cada organização social que constituíam ali naquele espaço público de convívio e aprendizagens mútuas.

Cabe aqui, fazer uma reflexão sobre a educação e a importância e relevância dos *lugares de aprendizagem não escolares*. A palavra educação é polissêmica e por isso envolve diferentes significados, todavia esses muitos significados sempre aludem para a ideia de formação, perfil e capacidade que o sujeito apresenta ou não, em razão das suas experiências históricas e sociais (BRANDÃO, 2007). O indivíduo ao longo de toda a trajetória de vida adquire conhecimentos concebidos por suas próprias experiências, por relações sociais com outros indivíduos, no âmbito familiar e em instituições educadoras formais e não formais. Esta última nada mais é que um processo de aprendizagem social centrada no indivíduo, por meio do desenvolvimento de atividades extraescolares. É um processo voluntário de aprendizagem e de educação fora da escola, que acontecem em ongs, instituições

religiosas, iniciativas particulares e programas sociais públicos. A educação informal está diretamente voltada ao comportamento, hábitos, valores não intencionados e não institucionalizados.

E todos esses processos de ensino-aprendizagem, que acontecem ao longo de toda a vida das pessoas, não se resume somente enquanto estamos matriculados em escolas regulares, com currículos específicos, onde a proposta é indicada para todos e todas da mesma forma, e algumas vezes ainda, indicando os formatos para a apresentação de suas respostas, limitando os *aprendentes* a pensarem parecido, a chegarem nas respostas idênticas. Sabemos que as escolas têm seu papel e seu valor para o desenvolvimento de cada sujeito e nas construções sociais, no desenvolvimento de habilidades que utilizaremos em nossas caminhadas acadêmicas e profissionais. Mas há de se olhar com atenção para o potencial dos ambientes não escolares, especialmente os que tem propostas de incentivar o protagonismo das pessoas, de propor momentos de escutas e lugar de falas para todos e todas, que compreendem as diversidades que existem nas comunidades onde estão inseridos e que são ambientes de aprendizagem popular, valorizando nossas culturas. Estes *lugares não escolares*, propõe a inclusão social, as trocas, o compartilhamento de histórias e memórias, as potencialidades que existem nessas convivências entre as pessoas, onde todas e todos têm a ensinar e tem a aprender, sempre, de forma ampla, sem enquadramentos, sem ter que vencer algum conteúdo específico num determinado tempo e limitações impostas por recortes de um currículo que é aplicado nas escolas nessas aprendizagens e que tem ou não significação para aquele determinado grupo de pessoas que participam daquela organização social.

Figura 18: foto do grupo de mulheres na Mostra de Talentos da CEU -Música



Fonte: acervo da pesquisadora.

Figura 19: foto do grupo de mulheres na Mostra de Talentos da CEU - Teatro



Fonte: acervo da pesquisadora.

Assim, o referido produto intencionou desacomodar e provocar todas e todos para pensar, debater e protagonizar, agregando-se nas pautas das mulheres, contribuindo para o avanço no processo de garantia dos direitos, das políticas públicas, superando os entraves nas conquistas e implementação desses direitos, com intencionalidade a diminuição das violências contra as mulheres, de maneira comprometida e responsável, para buscarmos uma sociedade melhor para todas e todos. A análise do produto “Mostra de Talentos da CEU”²⁵, por si só, já seria outro locus, outro objeto que daria uma boa investigação. Quem sabe, na sequência dos meus estudos, não partirei, de forma analítica, dessa atividade?

²⁵Link do vídeo produzido com fotos da MOSTRA DE TALENTOS DA CEU, acervo da pesquisadora, que está disponível no <https://www.youtube.com/watch?v=SdpDHykpe1k&t=41s>.

7 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO PERCURSO TRILHADO

Triste, louca ou má

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
Um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
(você é seu próprio lar)
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Ela desatinou, desatou nós
Vai viver só
Eu não me vejo na palavra
Fêmea, alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar
E um homem não me define
Minha casa não me define
Minha carne não me define
Eu sou meu próprio lar
 Canção de Francisco, el Hombre

Encerro, por ora, essa escrita, minha Dissertação, registrando essa música, que embalou os dias ou noites em que precisei dançar sozinha, naqueles momentos que também precisava me (re)encontrar, após ver, ouvir, perceber, descobrir tanto, conversando e convivendo um pouco com aquelas mulheres que foram as inspirações para meus olhares, pensamentos, emoções e registros. Registros esses que sintetizam estudos mais aprofundados e que tanto me modificaram, seja como pesquisadora em formação, seja como mulher, como sujeita e, portanto, em plena e constante aprendizagem. A cada pincelada dada nesta minha tela, pensava reflexivamente, o quanto estava também movimentando aquelas mulheres, suas famílias, seu grupo de convivência, sua comunidade, era um misto de sentimentos, o

quão era desafiador, gratificante, apaixonante e uma grande responsabilidade, pois estava movimentando toda uma estrutura, com assuntos tão caros para mim, mas para elas também. Falar de suas histórias, de suas vidas, de suas tristezas, de suas lutas e conquistas, dos seus direitos e da sua cidadania, das responsabilidades de serem lideranças comunitárias, enfim, tudo que a pesquisa foi capaz de desacomodar, de entranhar, de revisitar, daqueles momentos compartilhados entre elas e eu, estão nesse quadro, nessa obra de arte, pintado a muitas mãos, de forma coletiva e feminista.

Por fim, ao entrelaçar os achados no processo de pesquisa, que não foi uma tarefa fácil e simples, sobretudo, diante das escutas e de tantas reverberações, especialmente quando se tratava de buscar nas memórias, as lembranças e os relatos de vivências tão íntimas – muitas vezes de episódios sofridos, alguns superados e outros ainda não, foi possível buscar a compreensão mais aprofundada de como as mulheres daquele grupo escolhido, convivendo entre si, tendo presente a constituição social e cultural do lugar onde elas vivem, se encontravam semanalmente para exercer sua cidadania, reconhecendo-se como lideranças comunitárias, na busca pela garantia e efetivação de políticas públicas para todas. E, desse modo, (re) significar suas identidades. Olhar para todas essas questões, escutar e até mesmo vivenciar – pois a ida ao campo nos proporciona se lançar na pesquisa, de corpo, mente e alma – também nos desafia, nos desacomoda, nos traz estranhamentos e dúvidas, aflora sentimentos fortes, pois todas somos mulheres. Nos coloca em alerta!

Assim, entrei em itinerância pelo movimento de escrever como quem pinta uma tela. E para além de estar vivenciando o campo dos estudos ao qual me dediquei, foi desafiador transformar tais vivências nessas escritas. Não foi fácil o percurso, contudo, a trajetória me fez avançar, parar, por vezes duvidar: será que estou conseguindo escrever o que gostaria que os outros lessem? Será que irão compreender o que eu quis entrelaçar nesses pensares e escrita?

Essa pesquisa intencionou compreender o modo como as mulheres significam suas identidades, e chego ao entendimento de que são construídos, cotidianamente, novos significados e percepções de si e de seus pares. Conseguir dissertar sobre o modo como as mulheres de uma comunidade vulnerável, com tantas adversidades e dificuldades, vão (re)significando suas identidades e suas memórias, convivendo coletivamente, buscando exercer a sua cidadania, ao entrelaçar suas vivências

advindas das experiências já vividas, das aprendizagens prévias que as constituíram enquanto sujeitas e dos compartilhamentos que fazem nos encontros comunitários, entre elas, no espaço público, chegando a tornarem-se lideranças na busca constante por cidadania.

Os achados, enfim, indicam alguns avanços nas pautas de direitos das mulheres, como vem se apresentando nos últimos tempos, mesmo que sejam tímidos ainda, em especial aqueles que se referem às conquistas para ocupação de lugares na sociedade, ter voz nas diversas organizações sociais as quais escolhem fazer parte, concretizando alguns direitos das mulheres, e que fazem parte de um processo que vem acontecendo ao longo de décadas de lutas de tantas outras feministas. Essa consolidação de *ser mulher liderança*, de exercer papel de representação importante na/para a comunidade que fazem parte, vai muito além de terem diplomas da educação formal, de terem estudado em instituições de ensino de referência, é uma forma orgânica e genuína de ter se constituído cidadã, de ter aprendido a usar sua voz para representar a si mesma e as outras pessoas da comunidade, que estabelecem com elas um vínculo de esperança e confiança, para garantir direitos também.

Ainda cabe mencionar, com convicção, sobre a potência dos compartilhamentos possíveis em locais de aprendizagem não escolares. O espaço público como lugar importante de encontros, significações, trocas, com múltiplas possibilidades de ensinar e aprender, de despertar nas outras o desejo de levantar-se, de ser voz, de compreender que são sujeitas em transformação sempre, e que estarão frequentemente imersas em processos de aprender e ensinar. Em especial quando se tem tantas gerações convivendo, tantas mulheres diferentes, com histórias a serem contadas. Foi possível perceber as riquezas que existem na comunidade periférica, a inteligência e a sabedoria popular, que devem ser levadas para dentro dos muros e prédios das escolas, numa troca de saberes virtuoso, que certamente fará a escola ter outro sentido na vida das pessoas que vivem no seu entorno, que fazem parte daquela comunidade escolar. Pessoas essas que são mães, avós, tias, irmãs de quem está em idade escolar e frequentando a instituição de ensino. Assim como para as/os estudantes, o quanto é real, afetuoso e eficaz trazer a comunidade para participar das aprendizagens, pois nem a escola vive sem a comunidade e tão pouco a comunidade vive sem a escola. É preciso abrir as portas e as janelas, derrubar os muros, para o livre acesso, de lá para cá e de cá

para lá, numa significativa aproximação da aprendizagem formal e da sabedoria popular. Certamente tudo fará mais sentido!

Diante do exposto, entendo ter atingido os objetivos traçados, para além desses, soma-se os meus objetivos acadêmicos que foram ampliados, permitindo o entendimento da pesquisa como sendo algo orgânico e inacabado, ainda mais quando a decisão da pesquisadora foi com foco no humano. Contudo, devo salientar especialmente, o meu desenvolvimento enquanto mulher, enquanto uma feminista convicta. E assim, sigo com compromisso, ainda maior, de fazer reverberar outras provocações para discussões e debates, tanto na academia quanto nos espaços não-formais de educação, com olhar atento aos temas elencados neste estudo, os quais são de extrema relevância, tal como são aqueles que tratam das vivências das mulheres na comunidade, seus lugares de fala e existência, seus direitos e as aprendizagens tão importantes e significativas, que possibilitam o *viver* de cada uma, sozinhas, misturadas ou todas juntas.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas: um manifesto**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo, Edições 70, 2011.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto Constitucional de 05 de outubro de 1988, contendo as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais de nº 1 a 15. Brasília: Imprensa Nacional, 1997.
- BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 01 ago. 2022.
- BRASIL. **Lei nº 13.737, de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 - Código Penal; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112737.htm. Acesso em: 1 ago. 2022.
- BRANDÃO, Carlos. **A educação como cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- BURILLE, Celma. Trajetória da Mulher na História do Brasil: submissas ou ardilosas? In: XI ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 6., 2012. **Anais [...]**. 2012. Disponível em: https://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1338343549_ARQUIVO_ARTIGO_TRAJETORIADAMULHERNAHIST_BRASIL.pdf. Acesso em: 19 de jan. 2021.
- CANDAU, Vera Maria. (Org.). **Sociedade, Educação e Cultura(s): questões e propostas**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- COSTA, Marisa Vorraber. **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma; JOHNSON, Richard. **O que é, afinal, estudos culturais**. Tradução de Tomaz Tadeu Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

DELEUZE, G. Foucault. Trad. Claudia Sant'anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GERHARD, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir, a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes LTDA, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de babel**. Tradução Cyntia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, p.20-28, jan./abr.2002

LÜCKDE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária LTDA, 1988.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade e a identidade humana**. Porto Alegre: Sulina 2002.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro, Editora Jandaíra, 2011.

SANCHESD, Tatiana Amendola (Org.). **Estudos Culturais: uma abordagem prática**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

TAVASSI, Ana Paula Chudzinski. *et al.* Os direitos das mulheres no Brasil. **Politize**, 2021. Disponível em:
<https://www.politize.com.br/equidade/blogpost/direitos-das-mulheres-no-brasil/>.
Acesso em: 5 maio 2022.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologias das sociedades complexas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999

ANEXO A – DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO COPARTICIPANTE



DECLARAÇÃO DE INSTITUIÇÃO CO-PARTICIPANTE

Declaramos para os devidos fins que concordamos e autorizamos o desenvolvimento da pesquisa "**Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo**", de autoria da pesquisadora Roberta Soares Cornely a ser desenvolvido em nossa instituição/empresa. Informamos que conhecemos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que será assinado pelos sujeitos de pesquisa participantes de nosso equipamento público, Estação Cidadania Cultura- Praça CEU.

Cumpriremos o que determina as resoluções vigentes, Resolução CNS 466/2012 e a Resolução 510/2016, e contribuiremos com a pesquisa mencionada sempre que necessário, fornecendo informações.

Antes do início da coleta dos dados o (a) pesquisador (a) responsável deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Sabemos que nosso equipamento público de cultura poderá a qualquer fase desta pesquisa retirar esse consentimento e neste caso, informaremos o(a) pesquisador(a) acima mencionado. Além disso, concordamos que os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito ou oralmente em congressos e/ou revistas científicas, garantindo o sigilo e a privacidade dos participantes envolvidos na pesquisa.

Colocamo-nos à disposição para qualquer dúvida que se faça necessária.

Atenciosamente,

Local e Data: Novo Hamburgo, 13/07/2022.

Secretário da Cultura Ralfe Joe Thiesen Cardoso
Secretaria da Cultura de Novo Hamburgo-RS

Ralfe Cardoso
Secretário de Cultura
Matrícula 72320

Secretaria
Municipal
de
Cultura

ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL - UERGS

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada **“Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo²⁶”**. Meu nome é Roberta Soares Cornely, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é a educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence à pesquisadora responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado (a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pela pesquisadora responsável, via e-mail (roberta-cornely@uergs.edu.br) e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do seguinte contato telefônico: (51) 994241728 e ou com a orientadora deste trabalho que é a Prof^a Dr^a Sandra Monteiro Lemos, email: sandra-lemos@uergs.edu.br. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, CEP-UERGS, no endereço: Washington Luiz, 675, Centro Histórico, Porto Alegre - RS, 90010-460. O telefone está temporariamente indisponível durante a pandemia - E-mail: cep@uergs.edu.br.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

1.1 A pesquisa intitulada **“Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo”** surge da necessidade de se compreender as relações das mulheres entre si, para que se fortaleçam e se organizem, diante de uma sociedade com muitas questões graves de machismo, pobreza e exclusão social. O estudo será realizado num ambiente público de atendimento comunitário chamado Estação Cidadania Cultura- Praça CEU, em Novo Hamburgo – RS, e envolverá a participação do coordenador do espaço, da educadora social que coordena o grupo de mulheres, e as mulheres que compõem esse determinado grupo.

1.2 Em relação aos participantes desta pesquisa, a metodologia utilizada será no formato de grupo de discussão/roda de conversa e ocorrerá em quatro encontros presenciais. Estes encontros serão realizados mantendo todos os cuidados e protocolos sanitários. Porém, caso seja impossibilitado os encontros presenciais, os mesmos ocorrerão via plataforma de reunião (Google meet).

1.3 Os encontros serão realizados com a seguinte programação: O primeiro encontro será para apresentação da pesquisa e para fazer o levantamento do perfil das participantes, utilizando um questionário impresso, a ser respondido pelas mulheres e pela educadora social. O segundo encontro será para observação silenciosa por parte da pesquisadora, de como as mulheres se organizam, interagem, trocam experiências e vivenciam novas experiências através dessas narrativas entre elas, o terceiro e o quarto encontro será uma roda de conversa, com possibilidade de amplo debate com as mulheres de um grupo de mulheres organizado e atuante na comunidade que moram, que será realizada pela própria pesquisadora e gravada, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para os pesquisados.

²⁶ Em função do período em que foram elaborados, os termos estão com título diferente pois era provisório no momento do Projeto de Dissertação.

Esses procedimentos ocorrerão no espaço do espaço público Estação Cidadania

Cultura- Praça CEU. Saliencia-se que os sujeitos não serão obrigados a participar de todas as atividades, responder a todas as perguntas, submeter-se a todas as medições. As atividades investigativas serão previamente agendadas e o uso de equipamentos como gravador/câmera será informado aos participantes.

SIM, Permito a divulgação das minhas imagens nos resultados publicados da pesquisa

NÃO permito a publicação das minhas imagens nos resultados publicados da pesquisa.

1.4 Sobre a gravação de áudio das conversas: O material da pesquisa será constituído pela gravação e registros das conversas com as mulheres, que permanecerão sob a guarda da pesquisadora pelo tempo mínimo de 5 (cinco) anos. Buscar-se-á construir um ambiente favorável, a fim de evitar qualquer tipo de constrangimento para as participantes e para que se sintam à vontade para falar.

Riscos e desconfortos: Esta pesquisa segue as normas legais e éticas. Os riscos que apresenta são mínimos e se referem ao desconforto que as mulheres possam sentir quanto a presença de uma profissional que não faz parte do quadro de educadores sociais que atuam nos projetos socioculturais e por estar gravando as suas falas. A fim de amenizar este desconforto, a pesquisadora pretende se inserir no cotidiano do grupo de mulheres escolhido. Além disso, a educadora social do grupo estará presente nas intervenções. Também serão preservados o sigilo e a privacidade dos participantes da pesquisa, durante todas as fases desta pesquisa. As fotografias registrarão o cotidiano delas enquanto convivem no grupo e não exporá nem o rosto, nem partes do corpo que causem constrangimento. A transcrição do áudio não especificará nem o nome da mulher, nem outro dado que torne possível a sua identificação. Além disso, também não serão feitas referências aos nomes dessas mulheres nem na dissertação, nem nas produções que derivarão deste estudo. Também informamos que o material da pesquisa ficará guardado pela pesquisadora e ninguém mais terá acesso aos documentos, que serão utilizados unicamente para análise desse estudo. Ademais, os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº 466/12 e Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade.

1.5Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo, ao publicar os resultados dessa pesquisa.

1.6Benefícios: A participação nesta pesquisa, não traz nenhum benefício direto, pois não haverá nenhum retorno material. No entanto, este estudo se propõe a produzir conhecimentos para contribuir com o processo de reflexão sobre as possíveis organizações com/entre mulheres da comunidade. Este estudo se propõe a produzir conhecimentos sobre como essas mulheres convivem, trocando experiências e dialogando entre si das suas próprias vivências, tendo nessa troca, as reais possibilidades de exercerem a cidadania, significando suas identidades e (re) construindo memórias. Também acreditamos que ao dar visibilidade para potencialidades destas organizações comunitárias de mulheres, estaremos contribuindo com a fomentação e a compreensão de que todos os lugares são pedagógicos, salientando a importância de valorização de todas as culturas. Cabe salientar que o estudo, depois de finalizado, será divulgado para os responsáveis e para a comunidade, especialmente a que subsidiou a pesquisa.

1.7Pagamento: Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

2. Assentimento da Participação na Pesquisa:

Concordo em participar do estudo intitulado “**Liderança de mulheres na confluência** 62

entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo” e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário e que fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora responsável Roberta Soares Cornely sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que aceito participar da proposta de investigação acima descrita e confirmo que recebi uma via deste termo de consentimento.

Novo Hamburgo, de de 2022.

_____ Assinatura da(o) participante

_____ Assinatura da pesquisadora responsável

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

(direcionado à educadora e coordenador)

Você/Sr./Sra. (ou o/a seu filho/filha) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo**”. Meu nome é Roberta Soares Cornely, sou o(a) pesquisador(a) responsável e minha área de atuação é educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail roberta-cornely@uergs.edu.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (51) 99424 1728/(51) 99920 2338. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, CEP-UERGS, pelo e-mail cep@uergs.edu.br e telefone 3318-5148.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

Este estudo busca analisar as manifestações da cultura das mulheres de um equipamento público municipal, durante as vivências e realização de atividades dirigidas por uma educadora social, mas especialmente dando oportunidade para que essas mulheres se organizassem, trazendo suas memórias para dentro do grupo de convívio, trocando experiências e (re)significando suas próprias histórias, a partir dessas trocas. Será uma pesquisa qualitativa, com caráter etnográfico, sendo pautada nos referenciais dos estudos culturais, sociologia e pedagogia. Como procedimentos metodológicos serão adotados, principalmente, o registro das observações com filmagens em áudio e vídeo, fotografias, anotações em diário de campo e relatos escritos, bem como uma entrevista inicial.

Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

A pesquisa surge da necessidade de se compreender as relações das mulheres entre si, para que se fortaleçam e se organizem, diante de uma sociedade com muitas questões

graves de machismo, pobreza e exclusão social. O estudo será realizado num ambiente público de atendimento comunitário chamado Estação Cidadania Cultura- Praça CEU, em Novo Hamburgo – RS, e envolverá a participação do coordenador do espaço, da educadora social que coordena o grupo de mulheres, e as mulheres que compõem esse determinado grupo.

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa segue as normas legais e éticas, obedecendo aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Porém algumas situações que, no decorrer do processo possam acontecer como: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre a identidade, memória e vivências, satisfação profissional, falta de tempo para receber e esclarecer pontos da pesquisa. Há um risco ainda de quebra de sigilo. Obviamente, farei o máximo para que isso não aconteça, deixando claro nesse TCLE a intenção de confidencialidade. Caso quaisquer dos riscos, que porventura, possam acontecer, e a/o participante desejar desistir, não haverá nenhum prejuízo. Também se o coordenador ou a educadora social sentir qualquer tipo de desconforto e que esse possa influenciar nas suas rotinas de trabalho negativamente, a pesquisadora compromete-se em readequar e readaptar os horários e dias de visita e entrevistas, ajustando as necessidades dos participantes, observando suas considerações para minimizar danos e/ou constrangimentos.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo, ao publicar os resultados dessa pesquisa.

() Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa; () Não

permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Benefícios: A pesquisa buscará por meio do conjunto da análise da dissertação e do produto final, contribuir com o processo de reflexão sobre as possíveis organizações com/entre mulheres da comunidade. Este estudo se propõe a produzir conhecimentos sobre como essas mulheres convivem, trocando experiências e dialogando entre si das suas próprias vivências, tendo nessa troca, as reais possibilidades de exercerem a cidadania, significando suas identidades e (re) construindo memórias. Também acreditamos que ao dar visibilidade para potencialidades destas organizações comunitárias de mulheres, estaremos contribuindo com a fomentação e a compreensão de que todos os lugares são pedagógicos, salientando a importância de valorização de todas as culturas. Cabe salientar que o estudo, depois de finalizado, será divulgado para os responsáveis e para a comunidade, especialmente a que subsidiou a pesquisa.

Pagamento: A participação na pesquisa não ocasionará qualquer tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação. Você/Sr./Sra. poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento. Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso. As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão a pesquisadora estudante de mestrado, Roberta Soares Cornely, e a professora responsável Sandra Monteiro Lemos. Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso, tendo a ciência que as publicações não terão nenhum tipo de pagamento.

() aceito participar da pesquisa e das publicações a partir da pesquisa, de forma voluntária;

() **Não aceito participar da pesquisa e das publicações a partir da pesquisa.**

Autonomia dos participantes: Você/Sr./Sra. poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento. Está garantida expressamente, a sua liberdade de recusa à participação ou retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado ou à continuidade de seu tratamento;

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo**". Informo ter mais de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Roberta Soares Cornely, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Este TCLE segue as orientações da Resolução CNS 510/2016.

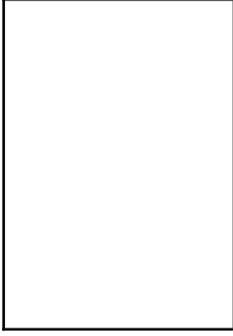
Novo Hamburgo, de de

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Para coleta da(s) assinatura(s) de participantes sem letramento.

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica



(nome e ssinatura)_____ (nome e

ssinatura)_____

ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

(direcionado às mulheres)

Você/Sr./Sra. (ou o/a seu filho/filha) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a), da pesquisa intitulada “**Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo**”. Meu nome é Roberta Soares Cornely, sou o(a) pesquisador(a) responsável e minha área de atuação é educação. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, se você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está impresso em duas vias, sendo que uma delas é sua e a outra pertence ao(à) pesquisador(a) responsável. Esclareço que em caso de recusa na participação você não será penalizado(a) de forma alguma. Mas se aceitar participar, as dúvidas *sobre a pesquisa* poderão ser esclarecidas pelo(s) pesquisador(es) responsável(is), via e-mail roberta-cornely@uergs.edu.br e, inclusive, sob forma de ligação a cobrar, através do(s) seguinte(s) contato(s) telefônico(s): (51) 99424 1728/(51) 99920 2338. Ao persistirem as dúvidas *sobre os seus direitos* como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o **Comitê de Ética em Pesquisa** da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, CEP-UERGS, pelo e-mail cep@uergs.edu.br e telefone 3318-5148.

1. Informações Importantes sobre a Pesquisa:

Este estudo busca analisar as manifestações da cultura das mulheres de um equipamento público municipal, durante as vivências e realização de atividades dirigidas por uma educadora social, mas especialmente dando oportunidade para que essas mulheres se organizassem, trazendo suas memórias para dentro do grupo de convívio, trocando experiências e (re)significando suas próprias histórias, a partir dessas trocas. Será uma pesquisa qualitativa, com caráter etnográfico, sendo pautada nos referenciais dos estudos culturais, sociologia e pedagogia. Como procedimentos metodológicos serão adotados, principalmente, o registro das observações com filmagens em áudio e vídeo, fotografias, anotações em diário de campo e relatos escritos, bem como uma entrevista inicial.

Permito a divulgação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a publicação da minha imagem nos resultados publicados da pesquisa.

A pesquisa surge da necessidade de se compreender as relações das mulheres entre si, para que se fortaleçam e se organizem, diante de uma sociedade com muitas questões graves de machismo, pobreza e exclusão social. O estudo será realizado num ambiente público de atendimento comunitário chamado Estação Cidadania Cultura- Praça CEU, em Novo Hamburgo – RS, e envolverá a participação do coordenador do espaço, da educadora social que coordena o grupo de mulheres, e as mulheres que compõem esse determinado grupo.

Riscos e desconforto: A participação nesta pesquisa segue as normas legais e éticas, obedecendo aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Porém algumas situações que, no decorrer do processo possam acontecer como: cansaço ou aborrecimento ao responder questionários; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e vídeo; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização sobre uma condição física ou psicológica restritiva ou incapacitante; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre a identidade, memória e vivências. Há um risco ainda de quebra de sigilo. Obviamente, faremos o máximo para que isso não aconteça, deixando claro nesse TCLE a intenção de confidencialidade. Sinta-se absolutamente à vontade em deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem ter que apresentar qualquer justificativa ao decidir deixar de participar, você não terá qualquer prejuízo no restante das atividades.

Confidencialidade: todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e sua orientadora terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo, ao publicar os resultados dessa pesquisa.

() Permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa; () Não permito a minha identificação nos resultados publicados da pesquisa.

Benefícios: A pesquisa buscará por meio do conjunto da análise da dissertação e do produto final, contribuir com o processo de reflexão sobre as possíveis organizações com/entre mulheres da comunidade. Este estudo se propõe a produzir conhecimentos sobre como essas mulheres convivem, trocando experiências e dialogando entre si das suas próprias vivências, tendo nessa troca, as reais possibilidades de exercerem a cidadania, significando suas identidades e (re) construindo memórias. Também acreditamos que ao dar visibilidade para potencialidades destas organizações comunitárias de mulheres, estaremos contribuindo com a fomentação e a compreensão de que todos os lugares são pedagógicos, salientando a importância de valorização de todas as culturas. Cabe salientar que o estudo, depois de finalizado, será divulgado para os responsáveis e para a comunidade, especialmente a que subsidiou a pesquisa.

Pagamento: A participação na pesquisa não ocasionará qualquer tipo de despesa, bem como nada será pago por sua participação. Você/Sr./Sra. poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento. Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso. As pessoas que estarão acompanhando os procedimentos serão a pesquisadora estudante de mestrado, Roberta Soares Cornely, e a professora responsável Sandra Monteiro Lemos. Solicitamos a sua autorização para usar suas informações na produção de artigos técnicos e científicos, aos quais você poderá ter acesso, tendo a ciência que as publicações não terão nenhum tipo de pagamento.

() aceito participar da pesquisa e das publicações a partir da pesquisa, de forma voluntária;

() Não aceito participar da pesquisa e das publicações a partir da pesquisa.

Autonomia dos participantes: Você/Sr./Sra. poderá se retirar do estudo a qualquer momento, sem qualquer tipo de despesa e constrangimento. Está garantida expressamente, a sua liberdade de recusa à participação ou retirar o consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado ou à continuidade de seu tratamento;

1.2 Consentimento da Participação da Pessoa como Sujeito da Pesquisa:

Eu,, abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado "**Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo**". Informo ter mais de 18 anos de idade, e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui, ainda, devidamente informado(a) e esclarecido(a), pela pesquisadora responsável Roberta Soares Cornely, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

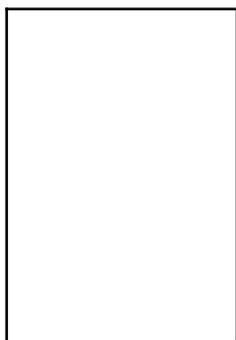
Novo Hamburgo, de de

Assinatura do(a) participante

Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável

Para coleta da(s) assinatura(s) de participantes sem letramento.

Testemunhas em caso de uso da assinatura datiloscópica



(nome e assinatura) _____

(nome e assinatura) _____

Este TCLE segue as orientações da Resolução CNS 510/2016.

ANEXO E – PESQUISA DE CAMPO COM MULHERES



PESQUISA DE CAMPO COM MULHERES LOTEAMENTO ESPERANÇA BAIRRO BOA SAÚDE- NOVO HAMBURGO

Este questionário faz parte da pesquisa do Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) - Unidade Litoral Norte, intitulada como **“Liderança de mulheres na confluência entre identidade, memória e políticas públicas: estudo de caso em uma comunidade de Novo Hamburgo”**.

Sua participação é muito importante para compreender as relações das mulheres entre si, para buscar o entendimento de como se fortalecem e se organizam, diante de uma sociedade com muitas questões graves de machismo, pobreza e exclusão social.

O tempo de resposta é de aproximadamente 25 minutos.

Muito obrigada pela atenção e colaboração.

Contatos para dúvidas e informações: pesquisadora Roberta Soares Cornely telefone (51) 99424 1728 e e-mail (roberta_cornely@uergs.edu.br).

DATA:

NOME: _____ (OPCIONAL)

DATA DE NASC.: _____ **IDADE** _____ **GÊNERO**

IDENTIDADE RACIAL _____

1- NA SUA FAMÍLIA, QUEM É O RESPONSÁVEL FAMILIAR? CITAR GÊNERO

2- QUANTAS PESSOAS TEM NA CASA?

	CRIANÇA (0 A 12 INCOMP)	ADOLESCENTE (12 A 18 INCOMP)	ADULTO (18 A 60 INCOM)	IDOSO (+60)
GÊNERO FEMININO				
GÊNERO MASCULIN O				

OUTROS				
--------	--	--	--	--

3- QUANTO TEMPO RESIDE NO RESIDENCIAL BOA SAÚDE?

MENOS DE 1 ANO DE 1 ANO ATÉ 5 ANOS MAIS DE 5 ANOS

4-DE QUE BAIRRO VOCÊ VEIO? _____ POR QUAL MOTIVO?

DIREITO À MORADIA POR VONTADE/INTERESSE

OUTRO, QUAL

5- COMO É MORAR AQUI? ótimo bom regular ruim péssimo

6- VOCÊ SE IDENTIFICA COM ESSE BAIRRO/ LOTEAMENTO? SIM NÃO

7- O QUE NÃO GOSTA NO BAIRRO?

8 -O QUE VOCÊ GOSTA?

9- VOCÊ PARTICIPA DOS PROJETOS DA PRAÇA CEU?

NÃO SIM, QUAL?

10- HÁ QUANTO TEMPO PARTICIPA DESSE PROJETO?

MENOS DE 1 ANO DE 1 ANO ATÉ 5 ANOS MAIS DE 5 ANOS

11- COMO VOCÊ PERCEBE ESSAS TROCAS DE EXPERIÊNCIAS ENTRE MULHERES, PARA SUA VIDA ?

12- VOCÊ TEM CONHECIMENTO SOBRE OS DIREITOS DAS MULHERES?

MUITO O SUFICIENTE NÃO MUITO NÃO SEI NADA

SE SIM, ONDE RECEBEU ESSAS INFORMAÇÕES?

13- VOCÊ SABE O QUE SÃO AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA AS MULHERES?

14- VOCÊ JÁ PROCUROU ALGUM ATENDIMENTO NA REDE DE PROTEÇÃO À MULHER? NÃO SIM Qual?

15- TENDO EM VISTA QUE ESSE LOCAL NÃO É UMA ESCOLA, COMO VOCÊ PERCEBE AS APRENDIZAGENS QUE ACONTECEM NA PRAÇA CEU

16- O QUE É IDENTIDADE PARA VOCÊ?

17- O QUE SÃO MEMÓRIAS PARA VOCÊ?

OBS. : A pesquisa é autodeclaratória, todas informações são fornecidas pela entrevistada e registrada de forma fidedigna às suas declarações.

ANEXO F: TRANSCRIÇÃO COMPLETA DA ENTREVISTA COM A EDUCADORA SOCIAL, REALIZADA EM MARÇO DE 2023

Abreviações para identificar as sujeitas da pesquisa

P- PESQUISADORA

ES- EDUCADORA SOCIAL

P.: Boa tarde. Essa entrevista é com a educadora social que acompanha o Projeto Mulheres Transformadoras, que é o grupo escolhido para ser pesquisado. Então você pode se apresentar?

ES: Meu nome é Rosa, tenho quarenta e cinco anos, sou natural de Cachoeira do Sul mas resido em Novo Hamburgo há trinta anos e sou formada em magistério, cursando Serviço Social. Hoje sou funcionária da Secretaria de Cultura.

P.: Como eu estou pesquisando a respeito do grupo de mulheres que tu coordena há muito tempo já, eu gostaria de saber um pouco sobre a história desse grupo, como que o grupo começou, se começou contigo, se começou antes, como iniciou o trabalho, o que tu pode nos contar sobre essa organização do grupo.

ES: O que eu sei é o que as próprias mulheres me contaram porque eu não cheguei a ter contato com as pessoas que passaram antes pelo grupo, que iniciaram esse projeto das mulheres. Sei que essas mulheres, mães de crianças que fazem projetos na CEU, levavam seus filhos em uma ou outra oficina e ficavam sentadinhas lá esperando seus filhos terminarem o tempo do projeto. Então foi observado isso e surgiu a ideia de convidar essas mães pra fazer um grupo de mulheres no espaço e a partir daí elas começaram a fazer artesanato, aulas de música, participar do CRAS e foram oferecidos vários tipos de serviços durante esses anos. Ah, em dois mil e dezenove, tinha uma estagiária de serviço social que estava gestante, que tinha assumido o grupo e ela teve uma complicação na gestação e teve que se afastar. Então através da coordenadora dos espaços da Secretaria da Cultura, onde eu trabalho, veio o convite pra que eu assumisse o grupo de mulheres. Era uma coisa temporária e acabou ficando comigo. A partir daí eu tive um conhecimento do grupo, tive um primeiro encontro onde a gente começou a se conhecer um pouco melhor e a partir daí eu assumi o grupo e fui construindo com elas uma forma de acontecer esses encontros. Eu vi que elas tinham muitas histórias pra falar, precisavam ser ouvidas, tinham muitas dúvidas sobre tudo que era assunto, não sabiam direito dos seus direitos e as que sabiam, não tinham essa atitude de ir em busca, e às vezes nem sabiam onde ir, como fazer. Algumas delas mal sabiam ler e escrever, como que iam saber pedir um encaminhamento na saúde ou no fórum? Aí eu resolvi fazer em formato de rodas, pra gente poder se olhar, pra ter esse sentimento que a roda trás, lado a lado.

P.: E qual eram as propostas de trabalho que tu levava, como é que tu direcionava as propostas? As intenções para propor esses debates com essas mulheres? Como que tu ficava sabendo o que elas tinham o desejo de aprender, de falar, de saber?

ES: Nos primeiros encontros a gente foi se conhecendo e eu fiz uma fichinha com elas, onde elas anotavam, tipo assim como se fosse na escola: os meus desejos são, os meus sonhos são, gostaria de saber mais sobre...

A gente fazia a roda de conversa pra melhor se conhecer, se ver olho no olho, elas poderem falar e eu escutar, pra daí eu conseguir planejar a partir do que elas tinham vontade de trocar essas ideias, eu iria fazer a proposta dos encontros. Então em cima disso veio a autoestima, a saúde, e também as agressões e violências que sofriam, enfim, vários assuntos que foram surgindo. Assim eu consegui sentar e planejar né, em cima do que eu ia poder trabalhar com elas e aí a cada encontro até o mês de dezembro daquele primeiro ano, que era 2018, foram nove encontros e nesses nove eu consegui fazer uma globalização de várias áreas pra ir ao encontro dos interesses que elas trouxeram. Encerramos o ano com uma festa de Natal onde elas puderam fazer um vídeo também, falando um pouquinho dessa experiência que elas tiveram no grupo naqueles encontros, o que a gente teve de resultado, que na minha opinião foi muito positivo pra poder dar continuidade no próximo ano. E a gente viu que elas tiveram muitos progressos, principalmente no lado psicológico, que puderam avançar bastante, sair dos quadros de depressão que algumas estavam, ficaram mais fortes e aprenderam sobre muitos assuntos e também puderam se fortalecer como mulheres, viram que outras também tinham suas histórias de vida, que era possível superar e vencer as dificuldades e ser feliz, né? Elas merecem ser mulheres felizes.

P.: Sim. E essas mulheres, elas eram desse entorno da Praça CEU? São mulheres do bairro? Quem são essas mulheres que fazem parte desse grupo das Mulheres Transformadoras?

AS: As mulheres são dali mesmo, daquela região da Praça CEU, das “casinhas brancas” como as pessoas chamam, e eles, os moradores, não gostam que chamem assim, “as casinhas” né? Hoje elas estão tentando mudar esse jeito de chamar, esse nome que as pessoas apelidaram, pra ter o nome que realmente é, o loteamento Boa Saúde né? Hum, não, na verdade é Residencial Novo Hamburgo. E elas não querem que seja “casinhas”, mas a gente acabou acostumando com esse apelido, né? Sei que temos que mudar, com a ajuda delas é mais fácil de conseguir, porque elas são lideranças na comunidade, tem voz, tem o respeito de todos ali. Elas moram ali, são mães, avós, tias dessas crianças que frequentam a praça. Então elas são muito próximas, né? Daí a praça acabou sendo um lugar de lazer, de uma busca de prazer na vida delas, de segurança, de buscar informações, de ter um lugar pra ir conversar, trocar ideias, buscar novos caminhos, é o único lugar público que elas têm ali.

P.: E quando a gente pensa em direitos, tu falou ali “a gente trabalha questões de agressões”, como tu aborda os direitos que elas têm? Porque no grupo, pelo que eu percebi na tua fala e nas observações, vocês trabalham vários assuntos que também vem delas, e dentre esses assuntos, as políticas públicas são mencionadas e chegam a essas mulheres? Também aquele espaço ali é um lugar para a garantia dos direitos que elas têm?

ES.: Eu acredito que através da praça CEU elas conseguiram alcançar, principalmente com o projeto das mulheres, o acesso ao que o município oferece, né? Mas ainda acho muito pouco. Eu acho que chega pouco até lá. E elas não têm o costume de buscar, algumas vezes são acomodadas ou nem sabem o que é direito delas, não tem as informações de forma fácil, de um jeito que elas compreendam sabe? Então o que a gente conseguiu no grupo é apresentar esses direitos, apresentar pra elas o que que hoje, o governo tem de políticas públicas para as

mulheres e o que temos aqui na cidade, né? Em geral têm onde a mulher possa buscar alguma coisa pra ela, de ter esses direitos pra vida dela. Então se não existisse esse projeto, esse espaço para elas se encontrarem e trocarem ideias, seria muito menos garantido delas conseguirem esse retorno e esses entendimentos? E quando tu fala ali que são mulheres em situação de vulnerabilidade social, né? Então, ali muitas delas já sofreram algum tipo de agressão ou violência, que infelizmente é basicamente essas as vivências e constituição familiar dessas mulheres, que é uma coisa meio estrutural, meio que, tristemente, passa pelas gerações das famílias ali. As mulheres, já ficaram mais fortes e empoderadas, mas mesmo assim, as que hoje permanecem no grupo, falam da violência psicológica, que ainda sofrem, pois com o grupo e por terem acesso às rodas de conversa e debates, elas não aceitam mais serem agredidas fisicamente, elas entenderam que isso não é jeito de viver, que não podem aceitar. E também elas falam que sofrem discriminação social, elas sofrem a violência por não terem acesso. Elas têm muita dificuldade ao acesso. Essas mulheres, elas estão separadas, algumas viúvas, algumas estão casadas mas passando por uma agressão psicológica muito grande onde elas não têm condições no entendimento delas de viver separadas, então elas ficam dependentes desses maridos sofrendo. O que eu percebo nas mulheres ali, é que elas não têm estudo, não têm uma profissão então muitas se submetem a ficar com seus companheiros por falta de opção mesmo. Então eu cheguei a ouvir de uma do grupo que ela estava com ele pra poder dar comida pros filhos. Essa mulher foi violentada, foi agredida de todas as formas e a gente conseguiu através dos serviços que têm em Novo Hamburgo, para proteger as mulheres, tirar ela daqui da cidade. Ela saiu fugida, né? A gente conseguiu através da rede organizar que ela fosse pra um outro local onde ela tivesse uma proteção com os filhos porque na última agressão que ela teve a vizinha pegou o marido sufocando ela. Né? Então a gente através do grupo das mulheres, conseguiu com que uma outra colega abrigasse e ela me chamasse e eu fosse até lá fazer todo esse movimento, pra conseguir tirar ela daqui. Aí eu precisei claro do apoio da rede, né? Pra fazer essa organização e até então a gente sabia as últimas notícias que ela estava bem, já tinha outro companheiro, estava casada e estava bem. Então foi uma vida que a gente conseguiu resgatar dali de uma agressão bem grave, de uma vida de muito sofrimento. Foi por essa atitude das outras mulheres, do grupo. De terem coragem de ajudar, de se colocar no lugar dela, de querer ela bem com as crianças dela.

P.: Sim. E essas mulheres, qual é o período que elas se encontram? Como acontece os encontros do grupo de mulheres aqui neste espaço?

ES.: De tarde das quatorze às dezessete horas nas segundas-feiras. São três horas que a gente fica juntas. Os temas e assuntos que abordamos são bem diversificados, depende da segunda-feira, né? Então já tem um planejamento das atividades que acontecem em cada encontro, às vezes é comigo, às vezes é com convidados, como palestrantes, com pessoas de todas as áreas, tanto da área cultural, saúde, educação, mental, tudo que a gente pode envolver para melhorar a vida delas, para elas terem acesso à informação, aos direitos das mulheres. E como a gente trabalhou em cima do sonho delas, dos pedidos e das necessidades, não tem como envolver só a Secretaria da Cultura, né? Mas é super importante essa maneira de organizar as rodas de conversas, pra que elas possam falar e ser escutadas, contar de suas vidas com suas famílias, as coisas que aprenderam com os pais e avós, as coisas da cultura do povo, esse povo que elas convivem, da vila delas... Então pra mim essa troca de cultura é tudo. É educação, é saúde, então engloba tudo, tudo acaba sendo cultural, né? E acaba com isso tudo, essas trocas

sobre a vida, também trazendo um pouco de cada direito, né? Que elas têm perante a lei, né? Essas experiências que elas têm nesses encontros, engloba tudo, né?

P.: Outra pergunta que eu queria te fazer, para a gente saber um pouquinho é se essas mulheres têm renda, como elas sustentam as famílias? A gente sabe que do projeto mulheres transformadoras surgiu também um outro projeto. Que é geração de renda. Que é chamado de Pão Solidário, se puder falar um pouquinho desse outro projeto que acabou nascendo desses encontros das mulheres transformadoras, seria muito interessante.

ES.: Sim. Ali é bem diversificado, cada mulher tem uma história e são muitas histórias que vão se misturando. Eu vou citar algumas que eu lembro no momento. Tem uma que faz venda de lingerie, pano de prato, coisinhas assim tipo sacoleira, pra ajudar na renda. Ela é casada mas está num processo de separação, né? Então é bem difícil pra ela, pois vive num conflito diário com o companheiro. Então ela tenta ter a renda dela pra já ir planejando essa separação né? Que é o que ela tem vontade no momento, de ser livre. Ela já apanhava do marido, mas com o empoderamento que aprendeu nesses debates que a gente vai fazendo no grupo, ela já colocou um limite nessas agressões físicas. Tem outra que o marido trabalha mas ela tem o dom de fazer pão, coisas assim, então ela faz cueca virada pra vender, faz pão pra vender e sabe fazer artesanato também, que aprendeu com a mãe dela. Tem outra senhora que ela e o marido são aposentados, mas mesmo assim ela também faz artesanato. Às vezes até fazemos uma feirinha entre nós mesmas, ou o grupo organiza pra venda no bairro então elas levam e colocam para vender para garantir uma renda. Ahm tenho uma que está encostada no INSS por dificuldades, por comorbidades. E ela é separada, sustenta a filha, nem sempre tem a pensão do pai da filha dela. Também são dificuldades que elas enfrentam porque se separam e os maridos né os que eram provedores não mandam o dinheiro, não tem o compromisso com a pensão, aí elas também estão aprendendo ali a ir atrás dos seus direitos que é procurar justiça, é procurar o direito do filho, né? Sabe tem outras que já estão estudando pra voltar ao mercado de trabalho, que é uma coisa que deixou a gente bem feliz, são duas que voltaram a estudar. E a partir desses sonhos e dessas mudanças que elas mesmas querem pra vida delas, também surgiu a necessidade de ir atrás de alguma coisa, uma oportunidade dentro do próprio projeto de conseguir fazer alguma coisa que oferecesse talvez uma oportunidade de renda pra elas. E aí esse grupo já vinha há muito tempo sonhando em ter um projeto que elas batizaram de *Pão Solidário*, que elas fabricariam pães pra vender e levariam um pão pra sua casa, para consumo próprio, desse jeito elas iriam ter renda e ainda ter a chance de alimentar os filhos pequenos, enfim sua família. Então desde 2019 eu comecei a procurar alguma parceria, que pudesse nos ajudar, porque pra fazer as receitas, tinha que ter forno, formas, vários utensílios que a gente teria que comprar e isso é difícil no serviço público né? Não tem dinheiro pra essas coisas e pros projetos sociais. Daí conseguimos o Lions Novo Hamburgo Terceiro Milênio, que subsidiou a compra de tudo que era preciso pra montar uma cozinha numa sala da Praça CEU, onde uma vez por semana, era nas sextas-feiras, as mulheres se reuniam e trocavam receitas, traziam essas receitas do cultural, de suas próprias histórias, receitas da vó, da mãe de alguma familiar, que tinha ensinado para elas, um resgate dessas culturas de casa sabe? Daí elas contavam como tinham aprendido, riam, choravam porque lembravam das mães ou avós, que nem estão mais aqui. Elas iam amassando o pão, fazendo as massas e conversando. Daí levavam um pão pra casa, gostoso e cheio de significados, pois tinha tantos sentimentos ali né? E os outros elas vendiam, pra ter aquele valor,

dividiam, mesmo que era pouco, mas já compravam leite, uma mistura, comidas que estavam faltando em casa. E como elas mesmas falavam, ali era parecido com uma terapia, o amassar o pão, ajudava elas a saírem da depressão, a lidar com as ansiedades pois conversavam com mulheres amigas, que confiavam. Era um momento para esse tipo de troca entre elas, então acaba entrando de um pedaço de pão à cura de uma depressão. e se agente for pensar, parece uma coisa tão pequena, tão simples, mas pra elas foi a realização de um grande sonho, a gente tem os testemunhos positivos delas, essa realização sabe, de ter essa condição de fazer algo das próprias mãos, de ter uma renda, de ter vencido. O município todo já conhece o projeto, muitas vezes a gente conversa com outros colegas e vê que elas ficaram muito reconhecidas, por todo esse trabalho que a gente vem conseguindo desenvolver com elas, de resgate da autoestima, de ter coragem pra mudar as próprias histórias de vida, de buscar essa autonomia, de ser uma mulher empoderada. E a partir desse projeto, muitas delas já falam em abrir uma padaria, uma confeitaria, vão sonhando mais alto né, porque viram que são capazes e que as coisas podem acontecer. elas querem se aperfeiçoar mais ainda, e até já estão tendo aulas de confeitaria, aprendendo a fazer docinhos e salgadinhos, é outra porta de trabalho que se abre pra elas. e a partir daí é que a gente vê que através dessa troca de culturas, de sabedorias delas mesmas e de suas famílias que elas conseguiram também entrar no mercado de trabalho.

P.: E na tua opinião, esse grupo, esses encontros são importantes pra elas? Por que?

ES.: São muito importantes, acho que sem essa convivência, talvez nada seria diferente na vida delas, elas se empoderaram, elas se fortalecem. Elas mesmo relatam que no final de semana ficam pensando em logo ser segunda, para estarem juntas. E às vezes o final de semana delas é difícil tbm, a gente não sabe como vai encontrar elas. Tem que ter muita empatia, calma, afeto. A vida foi dura com a maioria, acho que todas elas. A segunda pra elas, os nossos encontros são aquele momento de descontrair, de pensar que as coisas tem saída, que ali no grupo elas podem conversar, podem confiar. Elas têm um vínculo de confiança muito forte. Elas cantam, dançam, se divertem, porque é direito delas tbm. Tem o relato de uma das meninas, acho que umas das mais jovens que participam do grupo, ela vinha na CEU para outro projeto, ficou sabendo do grupo e voltou pra casa decidida a trazer a mãe e a irmã, porque elas estavam com depressão muito forte. As três vêm no grupo e dificilmente faltam, convidam outras mulheres, porque sabem o quanto as rodas de conversa, as propostas de debates e palestras ajudaram elas a saírem do quadro de depressão, hoje a mãe dessas duas adolescentes é uma grande liderança no bairro.

P.: Além do grupo, as mulheres têm apoio para procurar outros encaminhamentos na rede de proteção, quando necessário?

ES.: O que eu observei nesse tempo de grupo, que as mulheres convivem, é que elas estão mais esclarecidas e empoderadas, sabe? Elas estão vendo a vida de outro lugar, elas estão com mais força. Nos encontros, a gente fala de políticas públicas, dos direitos das mulheres e onde procurar ajuda, auxílio. Mas a gente também fez palestras com essa rede. Aqui na cidade tem uma rede, chamada Rede Lilás, que é todos os serviços que protegem as mulheres, todas as secretarias, Patrulha Maria da Penha, Delegacia da Mulher, Saúde da Mulher, enfim, muitos serviços. E seguidamente a gente faz essa parceria, das agentes públicas irem nos nossos encontros, pra falar, pra alertar das leis, pra esclarecer dúvidas das mulheres. As mulheres estão independentes agora, muito diferente de quando o

trabalho com elas iniciou em dois mil e dezoito. Sabe que na última Feira do Livro que teve no Centro, eu estava lá trabalhando, quando olhei pro parágrafo de ônibus, elas estavam descendo, de turma, trazendo os filhos pra aproveitar. Isso é uma conquista, porque antes, elas não saiam de casa, não se achavam no direito de aproveitar as atrações culturais, nem conheciam o teatro, nunca tinham vindo na Feira do Livro, nada disso. Agora elas vêm, sozinhas. Elas não tinham conhecimento, oportunidades né? Quando a gente, da Secretaria da Cultura propõe um trabalho desses, é abrir portas, é dar a chance de enxergarem o mundo, abrindo um leque de muitas opções de experiências, que talvez nunca tiveram, porque não tinham informações, não se achavam pessoas de direitos. Porque eles tem direitos sim e isso precisa chegar nessas vilas pobres, pras pessoas humildes. Sei que elas mudaram de vida, que elas têm outras visões a partir do que a gente propõe para as rodas de conversa. Era importante ter muitos grupos desses, espalhados por todos os bairros, pra mais mulheres terem essas oportunidades. Os governantes não imaginam que uma simples ação dessas, um plano de governo que olhe pras pessoas pobres, pras mulheres e seus filhos, podem salvar eles de viver na violência, de ter que trabalhar pro traficante, de ter tanta gente doente de depressão, porque imagina passam muitas necessidades, passam fome, frio. Não tem como ser feliz com a barriga vazia, ver os filhos chorarem de fome. Nenhuma mulher pode ser livre, empoderada se vive numa casa que é agredida pelo marido, as crianças vendo tudo isso. A realidade dessas mulheres da periferia é assim, é pesada, é triste. Mas pode ser diferente. a gente sabe que pode. Se a gente tem um grupo desses, com 15 ou 16 mulheres, e sabe que essas ações que propomos muda a vida delas, de verdade, porque os que têm poder, os que estão lá pra pensar nessas políticas públicas não fazem o que precisa ser feito. Isso deixa a gente triste e braba até. Mas sei que essas mulheres aqui tiveram a oportunidade de se ver como pessoas de direitos. O direito é fundamental para as pessoas terem uma vida digna.

CORNELY, Roberta Soares. MULHERES TRANSFORMADORAS: protagonismo feminino, identidades, culturas e cidadania em ações comunitárias. Osório: Uergs 2023. f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Osório, 2023.